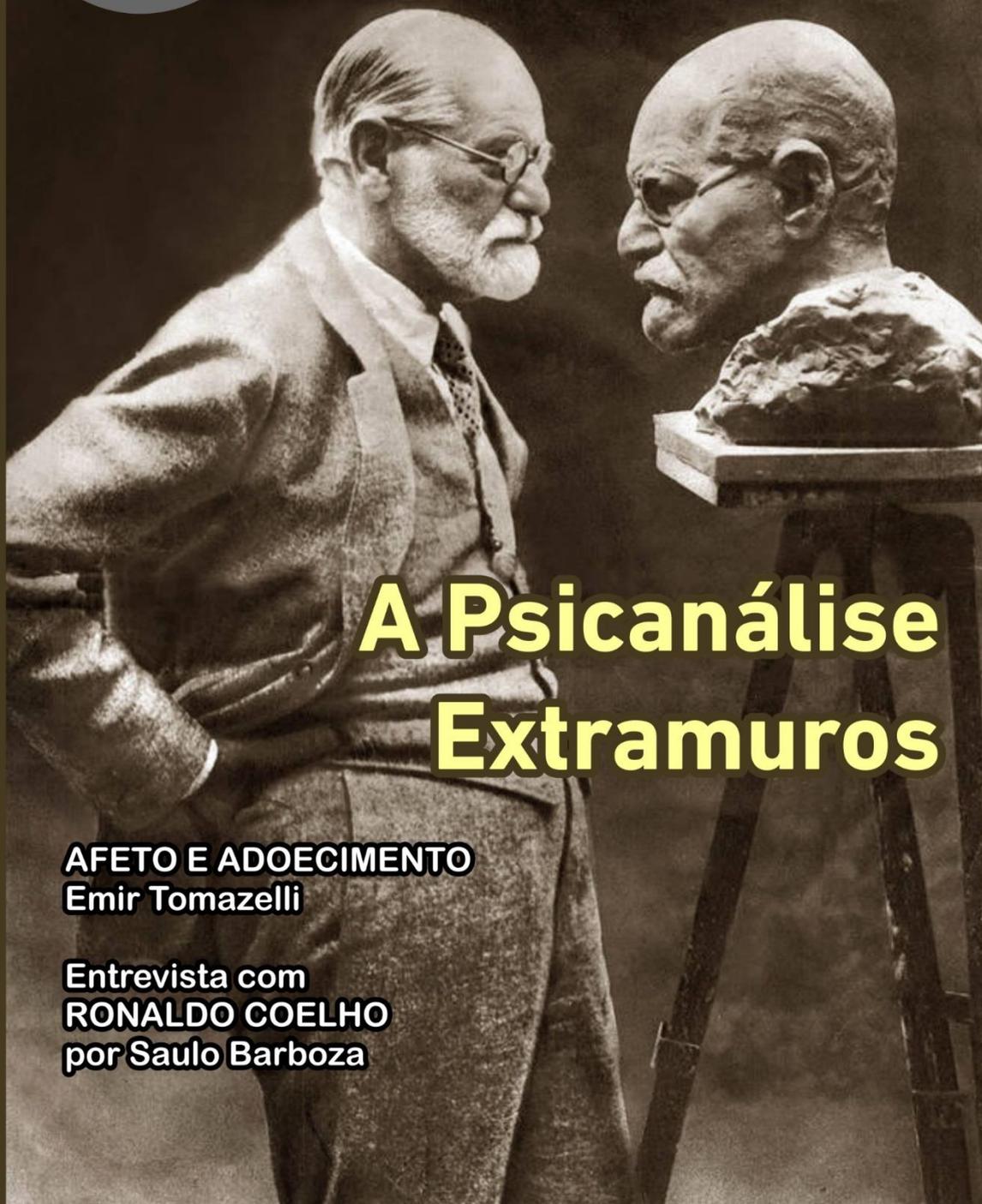




Revista

# TÁVOLA MAGAZINE

Ano I, nº 1, on line, dez.2022 - ISSN 2179-5061



## A Psicanálise Extramuros

**AFETO E ADOECIMENTO**  
Emir Tomazelli

Entrevista com  
**RONALDO COELHO**  
por Saulo Barboza





## Formação Psicanalítica Continuada Cursos e Grupos de Estudos on line

Coordenação: Juliana Abreu

Informações:



(17) 99166-1587



tavolaressignifique@gmail.com

## **Revista Távola Magazine**

© 2022, Instituto Távola

Revista Távola Online (ISSN 2179-5061)

Revista de divulgação científica, artes e cultura

### **Expediente**

#### **Direção**

Luís Henrique Milan Novaes

#### **Editora-Chefe**

Michelle Vasconcelos

#### **Editor Adjunto**

Fransmar Costa Lima

#### **Conselho Editorial**

Michelle Vasconcelos

Fransmar Costa Lima

Jacob Biziak

Alexandre Yamazaki

Lauro Fabiano de Souza Carvalho

Rodrigo Santos de Oliveira

#### **Colaboração**

Juliana Abreu

Priscila Consentins Torma

Janaina Cunha

# Sumário

## **EDITORIAL**

A Psicanálise extramuros <i>Michelle Vasconcelos</i> .....	6
---	---

## **AFETO E ADOECIMENTO**

Psicanálise no século 20 <i>Emir Tomazelli</i> .....	8
---	---

## **REDES DE ÓDIO, LAÇO SOCIAL?**

<i>Marcella Brito dos Santos</i> .....	20
--	----

## **CRONOS E KAIRÓS, TEMPO ACELERADO E TEMPO PERDIDO**

<i>Jackson De Toni</i> .....	29
------------------------------	----

## **A HERANÇA DE LACAN**

<i>Alessandro Adami</i> .....	40
-------------------------------	----

## **UM RETORNO ÀS ORIGENS:**

a função materna em Winnicott e Bleichmar <i>Shaiane Hoffmann</i> .....	56
--	----

## **ENTREVISTA: RONALDO COELHO**

Por uma análise institucional do discurso clínico.....	76
--	----

# Editorial

## A Psicanálise extramuros

---

Michelle Vasconcelos<sup>1</sup>



Nos últimos anos estamos observando um crescente interesse da sociedade civil em geral pela Psicanálise, seja pelos seus fundamentos teóricos, que auxiliam na compreensão das várias transformações e dinâmicas sociais e dos sofrimentos da contemporaneidade, seja pela sua potencialidade clínica.

O contexto da Pandemia COVID-19 pode ser considerado um divisor de águas nesse processo, visto que, numa situação de isolamento social e de perdas, o mundo real cedeu espaço para as virtualidades, e, nestas, surgem novos atores sociais que buscam trazer maior compreensão para o contexto pandêmico e auxílio para os sujeitos em sofrimento. Dentre tais atores sociais, encontram-se os Psicanalistas. É indubitável que durante os anos de 2020 e 2021 cresceram o número de Psicanalistas nas mais diversas redes sociais assim como os mais variados tipos de transmissão. Tal fato fez com que considerável parcela da sociedade lançasse o olhar para a Psicanálise, que por tanto tempo havia sido elitizada através de políticas institucionais que retiravam os Psicanalistas da pólis e os colocavam em luxuosos consultórios, tornando a Psicanálise um produto de consumo

---

<sup>1</sup> Michelle Vasconcelos é Editora da Revista Távola Magazine. Coordenadora do Instituto Távola Espaço Pelotas. Coordenadora da Formação em Psicanálise Clínica Lacaniana- Instituto Távola Resignifique. Coordenadora da Formação em Psicossomática – Instituto Távola

fetichista das elites, movimento contrário ao que foi o do seu “pai”, Sigmund Freud, exímio analista social e cultural do seu tempo e idealizador de Clínicas Sociais.

De lá para cá já foram quase 130 anos de Psicanálise, e o atual movimento de democratização do saber e da Clínica Psicanalítica parecem não ter volta. Psicanalistas comprometidos com a Sociedade e com a história da Psicanálise, isto é, com a memória de uma prática clínica e uma teoria que foi, desde o seu início, transgressora e perseguida por grupo conservadores por ser formada por grupos de excluídos sociais, os judeus, abrem portas para que mais pessoas, antes separadas pelos muros das instituições e consultórios elitizados, possam ter acesso à Psicanálise.

Seguindo este caminho já inaugurado por Sigmund Freud, retomamos a edição da Revista Távola Magazine, agora na edição online, para que mais pessoas possam ter acesso ao conhecimento. Afinal, o acesso ao saber deve ser um direito universal garantido. E sobre a Psicanálise, ah... “Quem come do fruto do conhecimento, é sempre expulso de algum paraíso.” (Malaine Klein).

# Afeto e adoecimento

## Psicanálise no século 20

---

Emir Tomazelli<sup>1</sup>



1

*“A análise do psicótico oferece a oportunidade de ver o que significa trabalhar estando insano. Deve-se fazer uma distinção no emprego dos termos ‘psicótico’ e ‘insano’; um analisando pode ser psicótico e insano, bem como psicótico e são. É útil admitirmos um tipo de progresso analítico que vai da psicose insana à sanidade psicótica.” [Bion, p. 133, Estudos Psicanalíticos Revisados, Imago, 1988]*

Deixo a frase para que vocês possam digeri-la sozinhos! Ou não.

Não cuido do afeto que há nela, nem do afeto que ela pode gerar em vocês. Abandono a todos a esse dito que abre minha fala.

Afinal, qual seria a função da neutralidade se não fosse fazer alguém se sentir abandonado ao seu próprio destino? O desamparo ensina?

Ferenczi achou que o desamparo da neutralidade era abandono, e traumatizava o que já estava traumatizado. Ferenczi

---

<sup>1</sup> Emir Tomazelli é Psicanalista e Psicólogo. Doutor e Mestre em Psicologia (USP). Autor de várias obras na área Psicanalítica. Atualmente exerce a Clínica Psicanalítica e atua como docente nas Formações Psicanalíticas no Instituto Távola

pisou e repisou esse assunto em sua eterna queixa endereçada a Freud, pelo descuido em relação à transferência negativa. Tanto que sugeriu que a ética da distância (o “estilo interpretativo”<sup>2</sup> de Freud) fosse substituída pela ética do cuidado (o “estilo empático”<sup>3</sup> de Ferenczi). Apontou insistentemente que não seria de todo mal, que os psicanalistas pudessem falar a verdade com seus clientes. Era necessário que fôssemos, todos nós analistas, capazes de reconhecer nossos erros diante do cliente. Isso poderia trazer mais chances à cura, e facilitar o andamento de mudanças na relação entre o sujeito e seu objeto. Em uma palavra, Ferenczi convocou a todos os psicanalistas a não serem hipócritas.

Mas os afetos seguem sendo algo que encontra impedimento, que encontra rejeição intelectual, algo que encontra resistência em ser admitido como parte da experiência do tornar-se psicanalista. A perturbação e a turbulência da sala de análise seguem sendo uma questão sem saída para todos nós. E, curiosamente, ela não diminui se evitarmos percebe-la, tanto quanto se evitarmos aceita-la.

## 2

Os afetos?

Bem, os afetos são o chão da vida.

O adoecimento?

Bem, o adoecimento é a vida.

E a vida, o desassossego, o desespero, a angústia, a aflição, o desejo, o ódio, o amor, a ternura, o rancor, a desilusão, a esperança, o desinteresse, a apatia, a loucura, a mania, a paranoia, o anseio pelo que vai nos tirar daqui, o anseio que pelo que nos vai prender aqui.

A repetição dos problemas, a repetição dos temas narrados nas consultas, a inquietação com a não mudança, mesmo que o trabalho em dupla seja árduo e constante. Enfim... Adoecer de si. Adoecer por

---

<sup>2</sup> Kupermann, Daniel Por que Ferenczi? Zagodoni 2019. P. 92

<sup>3</sup> Kupermann, Daniel Por que Ferenczi? Zagodoni 2019. P. 92

não saber traduzir e transformar emoção em gesto, em encenação, em sonhos, em palavra e em conhecimento. Inibições profundas assolam os psiquismos durante sua construção. E essas inibições estrangulam afetos que necessitam circulação, estagnando-os. Eis o adoecimento! Eis a vida parada na fila da penúria!

A perplexidade, o descontentamento, o desconhecimento do próprio sofrimento, o pequeníssimo saber que conseguimos ter sobre nós mesmos, e o desejo encarniado de ignorar a si, e a tudo. Muito pouco das histórias, das narrativas, dos relatos revelam o foi feito de nós ao longo de toda jornada. Quem vem falar de si para mim não percebe o quanto se desconhece, apesar de ser o único que pode me comunicar algo sobre o mar de escombros. O mito do júbilo do nascimento, pode ser facilmente substituído pela palavra catástrofe. Aquele que fala, mal sabe de quem fala, nem sabe quem é o falante que se apresenta ao analista. Algo faz movimentos com o aparelho de fonação e supõe estar falando, mas por vezes descobrimos, meses depois de uma atenta e árida escuta, que o ser que falava pelo aparelho fonatório do cliente era um superego materno cruel, e sem amor, um fragmento de sua personalidade cindida, que trazia uma criança pela qual ele não queria ser responsável e a denegria, ali, na hora da fala.

Não há nada na memória além de equívoco e restos desconexos. A fala esconde o que revela porque tem eco, e o eco dificulta a localização da fonte sonora. Quem ouve fica perdido, e quem ouve o que alguém lembra e não sabe em que tempo se encontra a fala, não sabe o que é estar em trânsito, nem o que é estar morto num tempo morto. Quem lembra, fixou-se, dali não pode se soltar. Voltar, se torna um dever. Se torna uma pulsão, pulsão de retorno, compulsão à repetição.

Mesmo que voltar possa ser apenas o caminho para o nosso desaparecimento, o retorno ao ponto onde não existíamos, o lugar onde estávamos antes do nascer, posso evocar Ferenczi e procurar na regressão uma tentativa de recuperar as condições que haviam em Thalassa, o mar primitivo de onde todos viemos. A pulsão de repetição, em Ferenczi, pode ser aquilo que te dá, mais uma vez, a chance de

começar outra vez. Mas, mesmo assim, seguimos voltando para evitar ainda assim, o presente, e o traumático.

### 3

Não foi inocentemente que os humanos primeiro imitaram o som dos animais que iriam comer, antes de comê-los. O som intencional vem daí, e depois nossa fala vem daí. Ela vem da necessidade de matar aquele que ouve, de captura-lo, e devora-lo, para saciar nossa fome, o que acaba abrindo nossa mente para todo um universo da astúcia e da predação. O som mata a fome. O som mata o homem. Não vamos nos esquecer que Wagner era tocado nos fornos nazistas antes da incineração das almas judias.

No entanto é bom que lembremos que ouvido não têm pálpebra, ele é vulnerável, sua única proteção é o autismo. Não há esfíncter auditivo!

Além disso, falamos, mas não sabemos o que estamos fazendo com o falar. Não notamos que o falar é um fazer, e que esse fazer gera enormes emoções nos que estão a nos ouvir, porque elas, as palavras e as emoções, saem de nós como projeções de ansiedades e de coisas brutas, que vão impregnando o outro a quem nos dirigimos, levando o ouvinte a um estado, que, por vezes se poderia chamar de psicótico. A fala exerce uma ação sobre o audiente, exerce uma força de fascinação sobre a audiência. O som toma o corpo, o coloca em ação ou o estanca. Diante do som somos mais ob-audientes, somos mais obedientes. Obedecer tem sua origem etimológica em ob-audire no latim<sup>4</sup>. Por isto mesmo é bom que diferenciemos ouvir de escutar.

Por não ter pálpebra, nada protege nosso ouvido. Apenas um estado a-mental, autista, é capaz de cessar o efeito do som em nós. Mesmo nas pausas, também sofremos. Nosso silêncio interno repleto de sonoridades, diálogos, discussões, guerras entre gangues, brigas entre tendências antagônicas, é um centro gerador de angústia. A

---

<sup>4</sup> O Ódio a Música Pascoal Quignard. Editora Rocco 1999.

clínica está forrada de ignosias e ignorâncias, isto é, de desconhecidos informuláveis, e de não conhecidos em vias de serem formulados, mas ainda aguardando formulação.

A clínica está cheia de impossibilidades de formulação de conhecimento, cheia de desejo de desconhecimento. Cheia de silêncios que deveriam indicar, a nós que estudamos os mares emocionais, que há áreas sem nenhuma presença humana, sonora, imagética ou criativa; áreas onde nenhum sinal de humanidade se indica e manifesta. É ainda mundo mental, mas seu efeito é vazio infinito e sem forma. Estas áreas, muitas vezes, são campos onde a emoção se mineralizou. Campos de um inconsciente profundo onde o homem jamais poderá ir ter contato com o que, apesar de tudo, é ainda seu. Aí não há mais nada que se possa perceber. Estamos fora do espectro que alcançamos, os afetos mineralizados são seus únicos restos, que, pelo limite psíquico em traduzi-los, ficam sem direção, estagnados, soterrados.

Há momentos em que os afetos são apenas um choque. E esse choque não é sequer percebido, mas é registrado como terror sem nome, e é suficiente para gerar uma dor mental que se registra em forma de silêncio, em forma de uma perda emocional irrecuperável. Ou, pior de tudo, se registra como nada.

#### 4

Bem...

“Nem sempre falar quer dizer.” Como lembrava o psicanalista francês Sèrge Leclair<sup>5</sup>. Eis aí uma boa razão para se poder discriminar, dentro de uma sessão o que vale ser ouvido. Como o arqueólogo, o analista, o arqueofonólogo, vai discriminar os cacos de todas as eras dos sons que estão ali na fala.

Mas, em algum lugar, quando a fala termina, começa um outro trabalho do analista, um trabalho do afeto, do sentir com, da regressão

---

<sup>5</sup> Mata-se uma criança, Editora Zahar 1977

psíquica agora usada como técnica, da escavação e da sideração. É aí que o nada se abre para o deserto, e é aí que devemos, convocar a intuição, e faze-la construir uma brecha no inacessível, porque há um ponto na investigação das paixões da mente humana, onde a experiência deixa de ser símbolo e imagem e se transforma apenas em dor desconhecida - cintilações esparsas, fragmentos flutuando em vácuo. É sobre esse resíduo vago, que talvez possamos construir algo, alguma morada para o pensamento, e alguma ponte imaginária sobre o lugar onde a terra mental se separou e fez um fundo vale, uma funda ruptura.

Nossa oferta é pequena para a dor inominável.

Mas já ouvi também, de um cliente meu, que eu salvei a vida dele. Ou que, pelo menos, salvei a vida daquele a quem ouvi. Foram vinte anos, e ele foi muito grato ao que eu pude oferecer a ele, e mais que tudo, ao que ele pode fazer com o que tentei fazer para ele. O direito de adoecer diante de alguém, o direito de afetar-se, e de afetar àquele que junto caminha. Eis aí uma proposição para o trabalho de cura.

Abrir-se para dar conta da experiência emocional daquele sujeito que se encontra com o analista, como mais um sujeito, subjugado à força do sintoma. É bom que fiquemos atentos para que um sintoma não fala, ele apenas se repete e se mantém escondido do sentido, do significado, e de uma possível tradução. O sintoma se abriga em nós, ele não quer nada, ele quer a si mesmo, quer a sua monotonia. Um sintoma não nos leva em conta na operação de cuidado. O sintoma quer o que quer, e nós, raramente, estamos incluídos nisso, a não ser como executores subservientes. É por essa razão que a vida emocional não cabe facilmente nos fluxos de associações feitas com as palavras. Por vezes penso que meus ouvidos falam mais comigo que o que o cliente me diz, e raramente sei a quem estou ouvindo. Não sei se é o cliente que fala ou se é meu ouvido que me fala o que ele fala. Já notei também que fico surdo, ou dito mais precisamente, meus ouvidos param de falar comigo quando algo me atinge inesperadamente na sessão. Tento manter ouvidos e lábios

cerrados, e me dou conta que esse evento pode ser um tipo de adoecimento do analista!

As repetições por anos e anos de uma mesma queixa apontam que o material com o que estamos lidando não é solúvel em qualquer saliva, menos ainda em qualquer sopro. E muito pouco reciclável pela mente treinada do analista.

Transformações, sobre transformações, geram mais transformações. Sem invariâncias as observações sessam. E o analista fica à espera. A espera de algo. Convivemos com nossos clientes, por um longo tempo, a espera de algo. E sabemos que não se trata de desvendar os fatos escondidos, mas sim manter a mente aberta para seu próprio mistério. Um mistério a ser descoberto incompletamente, fragmentariamente, parcialmente.

## 5

O cliente chegando. O mar emocional se arrebenta na fachada do psicanalista. Mar e pedra. Mar em luta contra a pedra. E se fosse mar x mar, afeto x afeto, adoecimento x adoecimento. Quais seriam nossas chances de uma dor curar outra dor?

Quem é você que chega até mim? Esta questão gera uma outra que, tenho a impressão, é bem mais complexa,

– QUEM SOU EU QUANDO VOCÊ CHEGA?

Bion sempre se perguntou sobre o que estaria acontecendo na sala de consulta quando dois animais selvagens se trancam dentro dela? Bion mesmo dizia que quem não suportasse o calor do forno e do fogão, não deveria trabalhar na cozinha. E, creio eu, isso vale para quando trabalhamos com a dor gerada pelo desconhecido, e dor gerada pelo que se viveu. Muito saber muito sofre, porém sem ignorância não haverá conhecimento, e isso também vale para o encontro analítico. Ou seja, sentir dor mental é uma capacidade a ser desenvolvida, e não apenas o sinal de uma inversão do sentido sádico da pulsão para um sentido que é masoquista.

O tempo clínico é um tempo palude, é um tempo morto, pantanoso, é um tempo encharcado, lento, intransponível. É o tempo do 'acontecidoanidaacontecendo', é o tempo onde os eventos concluídos não terminam, mesmo porque não se sabe onde começaram.

A desfiguração do rosto do analista deveria ser estudada no momento do encontro, antes dele e depois dele – não seria impossível verificar que o rosto não é mais o mesmo que havia quando estava em solidão, e, depois da sessão, em repouso novamente. É necessário estudar como somos afetados. Não se pode esquecer do poder de turbulência que uma presença outra gera em qualquer um de nós, quando alguém vem até nós pedir que o ouçamos. O entrecruzamento das temporalidades vividas, se chocam com os momentos do agora e com os momentos que nos aguardam no futuro. O encontro psicanalítico pesentifica todo esse espectro de acontecimentos naquilo que notamos como estado emocional do encontro, e que forma a atmosfera psíquica da sessão. O tal do afeto, afeta efetivamente.

Não é pequeno o poder que a mente tem de transportar um resto emocional de qualquer ponto da vida mental, para o presente do encontro, de tal forma que o visto se torna alguma coisa que está sendo revista, reexperimentada, modificando o que é aprendido por um olho comum pronto para ver o agora. Esses malabarismos mentais e a mistura da projeção de imagens com a recepção delas, faz com que vejamos no presente o acontecido, ou o acontecido no presente, e, assim, ficamos sem saber se nossos olhos produzem a imagem vista ou somente a captam. E isto nos limita para ver e saber do real, fazendo-nos perder a noção dos tempos e dos sujeitos que estão em cena. Não podemos desconsiderar que uma lembrança pode destruir uma imagem real, e, a destruição do agora se consuma num jogo de tempos, de figurabilidades e de pantomimas que dão forma estranha ao encontro com o não saber.

A travessia do deserto das almas é penosa, e, em sua jornada narrativa sobre a dor na clínica, traz a aflição de andarmos sem rumo, do nada para lugar nenhum. Porém, mesmo que tudo pareça parado

na cena do encontro, há uma grande turbulência que indica presença humana e se espalha sobre o momento de demandar ajuda, nos coagindo a oferecê-la. Momento tenso, emocional, turbulento... demanda de um outro, demanda de que nós nos ofereçamos como aquele que cuida... tempo evocativo dos primeiros tempos onde o humano foi cuidado por outro humano. Tempo cercado pelo encontro ancestral, encontro cuja marca é que, somente o cuidado é o que abre para nós a nossa possibilidade de existir, e indica que sem o cuidar é a civilização não é possível.

## 6

De alguma forma a psicanálise está em busca de “outras coisas” que não estão na cena consciente, mas estão lá. O velho conto - ‘A carta roubada’ - de Edgar Allan Poe. Creio que a psicanálise esteja em busca, esteja procurando coisas além da investigação da realidade e da solução de problemas. O discurso se lança e nos lança na cena de um passado que não termina de passar, de uma experiência que não cessa de acontecer. Algo está aí se repetindo e pedindo a oportunidade de obter algum sentido, ou forçando que se destrua todo o sentido possível. Essa ambiguidade é difícil, e lidar com ela se torna o tormento essencial que nos castiga. Isso poderia chamar-se sintoma. Poderia chamar-se desvio, erro, psicopatologia. Porém... Temo que seja apenas, no entanto, a mente funcionando.

Não esqueçamos que o adoecimento humano também está ligado ao trágico fato de nossos impulsos (levados às últimas consequências na definição freudiana de pulsão) não se interessarem por nós, não consideram se vamos ou não permanecer vivos após sua realização por nosso ego. Os impulsos cuidam da própria satisfação, visam a simples realização deles mesmos, sem medir as consequências que causarão a nós. Olhada assim, nesta perspectiva, a situação de adoecimento pode surgir quando alguns de nós percebem o terror que é viver dentro de um lugar onde a descarga do impulso mental tem prevalência sobre a vida do sujeito. Desejo soberano, logo, sujeito subjugado, afetado e adoecido.

## 7

Voltando ao problemático jogo das presenças emocionais em cena na clínica, e tentando elaborar o temor de perda de controle e de perda de identidade durante o atendimento que estas vidas juntas geram, um analista treinado deve estar atento a algo que se poderia chamar de contracenar automático, que pode ser considerado um campo reativo que envolve pantomima e reação ao encontro, uma vez que nele se instala, sem que se note, uma espécie de contradança em nossos corpos quando nos encontramos com outros corpos. A postura e os gestos do outro que se apresenta, interferem diretamente nos gestos, nos humores e nos comportamentos do parceiro. Esta força de encenação é frequentemente despercebida, e puxa o encontro para um tipo de palco e de bailado inconscientes, de consequências imprevisíveis. Por isso todo analista deve cuidar de discriminar a experiência emocional de estar diante do cliente, da sua própria experiência emocional de ser ele mesmo. E deve cuidar de, nem sempre, dançar conforme a música.

Além disto, deve cuidar de perceber se as atitudes que ele está prestes a ter, não estão sendo derivadas da reatividade criada pela presença do cliente, que, na verdade, é apenas um estado pantomímico correspondente à insanidade do paciente que chegou. Afetos, adoecimentos, imitações e perturbações de identidade! Uma clínica da modernidade? Não ceio.

## 8

Não é incomum que a contratransferência, além de um problema, seja um aspecto do conjunto de proteções que o psicanalista tem para se defender da invasão emocional causada pela chegada do cliente, preservando um certo reagir narcísico que protege o ego-terapêutico do colapso e do devoramento completo pela personalidade demandante.

Enfim, como dizia meu professor de italiano?

*“Per capire qualcosa, bisogna diventare matto tenendo la testa à posto.”*

*Tradução livre – “Para compreender qualquer coisa, é preciso ficar louco, mantendo a cabeça no lugar.”*



Dito de outra forma, quando os afetos estão presentes eles tomam a cena e a dominam, dificultando que a inteligência e a criatividade imaginativa possam achar meios para pôr esses afetos no mundo das formas simbólicas.

Por isto, é necessário saber se a reação do analista não é sinal de que ele está, narcisicamente, se defendendo da insanidade do paciente ou de sua própria insanidade.

Tenho comigo que, pelas razões expostas ao longo do texto, temos que passar a pensar, qual é o estatuto da sinceridade, da verdade e do afeto, que estão no âmago da cena analítica. E aí, mais uma vez o afeto e o adoecimento apontam para a dificuldade em estarmos expostos àquilo que arranca o analista de seu lugar de neutralidade, quando assume a responsabilidade de se dedicar ao trabalho turbulento no contato com a transferência, quando assume a

responsabilidade de aceitar a dura experiência de lidar com dor mental, e de ficar exposto às projeções e introjeções, que enfiam e arrancam coisas da e na mente do profissional, enquanto ele, severamente abalado, ouve.

Mais uma vez advirto a aqueles que creem que ouvem - cuidado com a voz que se ouve. As sereias falavam e cantavam...

E Ulisses temia ouvi-las!

Atentos: o ouvido não tem pálpebras!

# Redes de ódio, Laço social?

---

Marcella Brito dos Santos<sup>7</sup>

## **Os laços e as Redes: implicações no contemporâneo.**

O simbólico constitui-se através de um signo e o significante que lhe representa face ao campo do imaginário, ou seja, essa tríade também chamada nó borromeano, permeia o psiquismo humano, articula-se às relações objetais e estabelece uma conexão com o Outro que atravessa o sujeito. Através da palavra, da linguagem e seus significantes fundamenta-se também a força motriz do constructo psicanalítico à medida admitimos estas como dispositivos de interação que fundamenta os laços, e conseqüentemente, estabelece vínculos sociais.

No seminário XVII, Lacan (1992) consigna, a partir de quatro discursos - o do mestre, do universitário, da histérica e do analista - estas modulações vinculares e reflete mais adiante acerca de uma espécie de quinto discurso: o capitalista, para designar os laços sociais na contemporaneidade.

Refletir acerca dessas produções discursivas que inferem também na modernidade se faz necessário, uma vez que estas estruturam todo o tecido social. Com o advento das redes sociais cuja interatividade se dá em tempo real, o amor e o ódio se entrelaçam com mais avidéz e ganham contornos através das ideologias reforçadas por mitos e identificações que fomentam unificam as massas.

Nesse contexto nos vale lembrar que os algoritmos fazem o trabalho de mobilizar e agrupar massas - também denominadas

---

<sup>7</sup> Psicanalista. Pós graduada em teoria psicanalítica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI. marcellabrito.psic@gmail.com

nichos - que reproduzem discursos unificados que giram ao redor de um significante mestre em detrimento do subjetivo que desvela o diverso, o ambivalente e esse *modus operandi* faz com que a massa seja “inclinada a todos os extremos” em seu núcleo o que faz de uma simples discordância ou “antipatia se tornar um ódio selvagem” (FREUD, 2011, p.198/ grifo meu).

Os discursos nada mais são do que a articulação significativa, o instrumento, cuja a mera presença, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem palavras, que vêm em seguida alojar-se nele (LACAN, 1992, p. 158).

Nessa proposição podemos inferir que enquanto os laços apontam para uma modulação vincular que é basilada pelo afetivo e pelo cuidado, as redes pressupõem um algo do campo das representações, das ideias, das interações discursivas que independem dessa relação de cuidado.

### **Conceituando em linhas gerais os discursos.**

O discurso do mestre ( $S1/\$ \Rightarrow S2/a$ ) caracteriza se, em suma, pela questão do significante mestre (S1) ser o Senhor sobre o outro (\$), pois é o detentor do saber (S2) , que por sua vez, está sobre a verdade (a). Através dessa posição ativa do S1, não há liberalidade de remanejamento desse saber, numa relação de dominância discursiva sobre o outro.

O discurso do universitário ( $S2/S1 \Rightarrow a/\$$ ) passeia numa espécie de impasse frente à vida como Mestre. Poderia dizer, por exemplo, que perdida a possibilidade de resolver o impasse, o Outro poderia apoiar se em um Mestre (S1) e nessa posição de quase saber, colocar o outro que é detentor do saber sustentando o Outro; e com isso, operar sobre a expectativa, sobre o desejo de quem escuta, gerando outros sujeitos como efeito dessa produção discursiva. Numa espécie de “re-narrativa” do saber do outro, ou seja remontando o discurso que se apoia no do Mestre, a saber, agora através do Discurso Universitário. O S1 aparece no lugar da verdade, que ordena: “” - Vai,

continua. Não para. Continua a saber sempre mais” (LACAN, 1992, p. 98).

O discurso da histérica ( $\$/a \Rightarrow S1/S2$ ) é o mais relevante para psicanálise, pois através da escuta desse discurso, Freud elaborou o constructo da psicanálise e o seu produto central: o inconsciente. O dominante em questão, representado pelo \$, é o sintoma [agente]. O S2 aparece, portanto, na posição de produção. O objeto "a" está na posição da verdade, em disjunção com o saber: “Sua verdade é que precisa ser objeto a para ser desejada” (LACAN, 1992, p. 167). O sintoma como dominante, solicita interpretação e na ausência de significante, ela reconhece sua falta e procura repetidamente preenchê-la. Para isso, toma o outro como mestre (S1), como quem supostamente detém o significante mestre, ao qual irá dirigir sua demanda de cura do sintoma, citado por Jorge (2002).

O discurso do psicanalista ( $a/S2 \Rightarrow \$/S1$ ) está sumariamente, numa posição de renúncia a todo o discurso de domínio. Nesse sentido, Lacan afirma que o discurso do mestre é o avesso da psicanálise. O contraponto do discurso do mestre é o discurso do analista. O agente, no discurso do analista, é o desejo inconsciente, um questionamento dos significantes mestres. A posição do analista é feita substancialmente do objeto "a", causa de desejo, a partir do qual é possível a associação livre; assim, “o analista se faz causa do desejo do analisante.” (LACAN, 1992, p. 36) O saber inconsciente (S2) ocupa, no discurso do analista, o lugar da verdade. E estando no lugar da verdade, é um enigma, um dito pela metade.

Todavia, é o “quinto discurso”, o discurso capitalista ( $\$/S1 \Rightarrow S2/a$ ) que nos ajuda a apreender o contexto no qual se insere a clínica atual. O discurso do capitalista pode ser considerado como o discurso do “mestre moderno”, aquele que orienta as relações na atualidade. O agente (S1) organiza a produção discursiva, domina o laço social, ao dar o "tom" ao discurso e possibilitar que haja alteridade. O saber (S2) aparece como o dependente/escravo daquele que dirige o discurso. O outro precisa do agente para se constituir nessa dinâmica. A produção (a) é o efeito do discurso, é aquilo que

resta, tratando-se de um objeto a: aquilo que nos falta, ou seja, a causa de desejo. O resultado é o gozo. A verdade (\$) sustenta o discurso, mas é acessível apenas pelo "semi-dito", pois se tratando de um sujeito castrado, é dividido pelo "semi-saber". Segundo essa formulação, o quinto discurso não estabelece nenhum tipo de laço social efetivo (//), sendo esta, a principal característica que o distingue dos demais (JORGE, 2002).

Quando não há laço social, o simbólico se extingue e a palavra perde seu referencial, rompendo a lógica de integração do Outro com o outro; estabelecendo o conflito da não linguagem significativa através da ausência de vínculo. Eclodindo então o ódio, em detrimento da quebra da dinâmica do amor transferencial.

Nesse contexto, é possível considerar o amor como um instrumento para produzir um saber sobre a verdade (SOLANO-SUAREZ, 2006). Por essa ilusão, podemos pensar na vinculação do sujeito com o Outro, o objeto amado. A identificação com o discurso do outro, legitima a transferência, que em suma é a estrutura básica do amor, pois "aquele a quem eu suponho o saber, eu o amo" (LACAN, 1972-73/1985, p. 91).

Perez (2015, p. 16) afirma que "O vínculo se estabelece a partir de uma identificação com o outro ou com parte do outro idealizado. Essa identificação produz o efeito de uma ilusão de completude e sua correspondente sensação de plenitude". E é essa plenitude rechaçada no discurso capitalista, que direciona o sujeito à [re]vinculação ao discurso do mestre, trazendo à luz a "ideologia" de detenção absoluta do saber e do significante mestre corrompido pelo capitalismo, ou seja, é uma ideologia tão escravocrata quanto a primeira, contudo travestida de proteção e conservação do significante.

### **O ódio como um sintoma social: a outra face da paixão - Questões para a psicanálise.**

Os sintomas sociais que desvelam o adoecimento de um coletivo e expõe questões narcísicas individuais podem ser expressos

através de negacionismos e desmentidos potencializados por um modelo neoliberal e higienista. Podemos observar essas operações através da propagação de *fake News*, do racismo, bem como a valorização do embotamento afetivo que legitima intolerâncias que barram o sujeito dividido, atravessado pelo *pathos*.

No recorte contemporâneo de vínculo social firmado sob “redes” sociais, o espaço de fala se articula no discurso do mestre, nesse novo modelo, o S1(significante mestre) diverge do S2 (saber) de maneira incauta e reativa culminando numa espécie de “psicose coletiva”, cujo dispositivo sintomático foraclui simbolicamente o outro em sua subjetividade, logo em seu saber e verdade. Esse movimento promove uma onda de ódio, que para Lacan, além de outros desdobramentos conceituais, também é consequência da frustração do sujeito diante deste Outro que, sobremaneira, não lhe confere o arredondamento almejado.

A aparente transformação do amor em ódio é apenas uma ilusão; o ódio não é um amor negativo; tem a sua gênese própria, cuja complexidade é mostrada por Freud, para quem a tese central é a de que “os verdadeiros protótipos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do ego pela sua conservação e afirmação” (LAPLANCHE, 1991, p. 12).

A psicanálise precisa promover o espaço de fala e escuta clínica, ampliando e democratizando o acesso ao discurso do analista, de maneira que essa “ausência do saber” proposita uma renúncia ao discurso do domínio. O agente, no discurso do analista, é o desejo inconsciente, um questionamento dos significantes mestres. A posição do analista é feita substancialmente do objeto a, causa de desejo, a partir do qual é possível a associação livre; assim, “o analista se faz causa do desejo do analisante” (LACAN, 1992, p. 36).

A discussão sobre laço social perpassa as questões da clínica, embora tenha uma relação direta com a mesma, uma vez que a palavra e o simbólico ao encontrar um significante no outro, estabelece um vínculo instituindo o laço social, solidificado por sua vez, através do discurso; entretanto o discurso tem mais a ver com o significante e seu

mecanismo de articulação do que com o signo propriamente. Por outro lado, nessa articulação significante, há um exercício de poder. Lacan (1992) afirma que todo discurso é de dominação. Certa ação (praticada pelo agente do discurso) é exercida sobre aquele a quem se dirige a palavra (o outro). O discurso domina e governa tudo que eventualmente possa surgir da palavra.

Quando pensamos na etimologia do signo palavra, remetemos a simbologia do termo em si simbioticamente ao ato de saber, aquele que obtém o SABER tem a fala e o falo (poder) sobre a vida (o outro); todavia, o saber é subserviente do gozo, uma vez que segundo Lacan (1992, p. 16): “o saber é o que faz com que a vida se detenha em um momento limite em direção ao gozo”, normalmente, no imaginário coletivo, o saber não tem nada a ver com o gozo, muito pelo contrário: parece que não se goza onde se sabe e não se sabe onde se goza.

O gozo responde no real, o impossível, quando a angústia invade o ser, fora do simbólico e do imaginário. E essa frustração da renúncia, dá lugar ao conceito de mais-de-gozar, uma vez que a frustração da perda é também uma hiiância. Conjecturando o saber ao discurso do capitalismo, equivale ao conceito de mais-valia, apregoadado por Karl Marx.

Nessa via podemos pensar os desdobramentos psicopatológicos e psicossomáticos dessas implicações na clínica. McDougall (1994, p.76) consigna essas repercussões como uma espécie de “psicose atual” que consiste numa incapacidade de pacientes, sobretudo somáticos, em lidar com afetos desestruturantes, recorrendo à estratégias arcaicas de defesas que remetam à “soluções encontradas por uma criança para sobreviver psiquicamente diante de um sofrimento de outro modo inelaborável”, inscrevendo esse corpo numa posição de objeto alienante, transformando essa relação do eu-corpo um verdadeiro campo de batalha.



Fonte: Amazonas Atual

### **Considerações finais**

A globalização e a disseminação do discurso capitalista podem acarretar efeitos decisivos à constituição da subjetividade no contemporâneo. A ficção apaga a dimensão da verdade, hiperestimulando o imaginário em detrimento do simbólico. E é exatamente o teor simbólico que nos traz a unicidade. Quando esses registros se soltam e o imaginário fica preponderante no psíquico do sujeito, temos o prelúdio da psicose. A nossa necessidade de um objeto significante e de pertencimento a uma estrutura social (seja virtual ou não) instrumentaliza o desejo do EU e com ele, o ressurgimento potencializado das paixões do SER que nos são inatas.

O sujeito do inconsciente como falta-a-ser, conduz o sujeito a buscar, no outro, aquilo que pode lhe conferir um sentido diante de uma significação sempre aberta, as paixões do ser determinam justamente o que há de mais vivo na sexualidade humana: amor, ódio e ignorância. É assim que Lacan (1985) faz referência, em vários pontos de seu ensino, a essa tríade que implica “a falta no Outro da fala”: se a falta-a-ser sustenta o amor enquanto demanda ao Outro, também o ódio e a ignorância são respostas do Outro que sempre é solicitado a completar o ser. Deste modo o Amor, o Ódio e a Ignorância são paixões do ser falante. De maneira insólita, esse novo momento

nos traz a necessidade de desenvolvermos novos olhares e formas de pensar a clínica psicanalítica na atualidade e suas demandas.

Nesse sentido a psicanálise, em seu núcleo discursivo, não sucumbe ao discurso do mestre, do universitário e nem mesmo ao do capital, por este motivo é seu avesso. A psicanálise não é apolítica, pois atua no campo do das relações, valendo-se de princípios comuns à etimologia do termo política: “Garantia de práticas relativas [...] a sociedade; Habilidade no trato das relações humanas” (AURÉLIO, 2010, p. 596), por outro lado, o inconsciente é estruturado pela linguagem e seus significantes, o simbólico é o prelúdio do processo de subjetivação articulando-se com a dimensão política, outrossim convém dizer que o discurso do analista se sobrepõe às dimensões de poder e se faz o avesso da lógica de dominação de um saber, nesta operação não há partidaridades.

Para fins de conclusão, estar à frente da subjetividade de seu tempo e compreender as operações do contemporâneo e seus impactos na clínica e na práxis psicanalítica considerando a virtualidade de seu próprio dispositivo e essas dimensões é salutar para a prática analítica.

Discurso do Mestre	Discurso da Universidade
$\frac{S_1 \rightarrow S_2}{\cancel{S} \quad a}$	$\frac{S_2 \rightarrow a}{S_1 \quad \cancel{S}}$
Discurso da Histórica	Discurso do Analista
$\frac{\cancel{S} \rightarrow S_1}{a \quad S_2}$	$\frac{a \rightarrow \cancel{S}}{S_2 \quad S_1}$
Os lugares são:	
$\frac{\text{o agente}}{\text{a verdade}}$	$\frac{\text{o outro}}{\text{a produção}}$

## Referências Bibliográficas:

AURÉLIO, B.H. Mini Aurélio: **O dicionário da língua portuguesa**. Curitiba. 8 ed. Ver. Atual. Positivo, 2010.

FREUD, Sigmund. **OBRAS COMPLETAS VOLUME 15 -PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU E OUTROS TEXTOS**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. *In*: Rinaldi, D. & Jorge, M. A. C. (orgs.). **Saber, verdade e gozo. Leituras de O Seminário, livro 17, de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos. 2002.

LACAN, Jacques. **Seminário 17 - o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1992.

\_\_\_\_\_. **Seminário: Livro 20: Mais, Ainda**. 2' ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1985.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo. Martins Fontes, 1991.

MCDUGALL, Joyce. Corpo e linguagem: da linguagem do soma às palavras da mente. Trad. N. J. P. Franch. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 28 (1), 75-98. 1994. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2010000100012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000100012) Acesso em 02 de nov.2019.

PEREZ, D.O., Bocca, F. V. & Bocchi, J.C. (2015). **Ontologia Sem Espelhos – Ensaio sobre a realidade**. Curitiba. CRV, (2). 2015.

SOLANO-SUAREZ, E. Entrevista concedida a Miriah Fernandes em 28 ago. 2006. Boletim n. 3 do XVI **Encontro Brasileiro do Campo Freudiano Nomes do Amor [on-line]**. 2006. Disponível em: ([www.ebp.org](http://www.ebp.org)) Acesso em 27 nov. 2019.

# Cronos e Kairós, tempo acelerado e tempo perdido

---

Jackson De Toni<sup>8</sup>

## Cronos e Kairós

*Cronos devora seus filhos  
com frieza e voracidade,  
provocando ausências,  
solidão, distanciamento.  
Cronos é o relógio,  
o tempo que não volta.  
Kairós é o tempo qualificado  
da amizade,  
do companheirismo,  
o tempo da criação,  
recriação,  
do riso.  
O nosso tempo é agora  
sempre que nos buscamos,  
sempre que nos renovamos  
em cada encontro,  
e nos prometemos um  
novo reencontro  
para manter o fogo  
que Prometeu  
nos presenteou.*

Margarete Barbosa



*"A plenitude irracional da vida  
ensinou-me a nunca descartar nada,  
mesmo quando vão contratadas as nossas  
teorias, ou quando não admitem nenhuma  
explicação imediata".*

C.G. Jung

*Citado por Richard Wilhelm,  
I Ching, o livro das mutações*

---

<sup>8</sup> Analista em formação no Instituto Távola (psicanálise). Economista (PUCRS), Doutor em Ciência Política (UnB), Especialista em Psicologia Junguiana pelo Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa (IJEP) e professor de Políticas Públicas no IBMEC/DF e ENAP/DF.

## **Introdução**

Este artigo problematiza o conceito de management como teoria e prática recorrente no ambiente organizacional, público ou privado, baseado na unilateralidade da razão e na ideia de um contínuo espaço-temporal que define as relações de causalidade entre os fenômenos. Para isso sugere-se a compreensão do mito de Kronos e Kairos, a partir de uma leitura ancorada no paradigma sugerido pela psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Nesta narrativa dois pólos conceituais definidos pela tradição mítica grega para explicar o conceito de tempo histórico são apresentados. Ambos são contraditórios e indissociáveis para explicar as oscilações e as ambiguidades da própria natureza humana e dos fenômenos sociais. As conclusões sugerem que o management, como prática e teoria administrativa, possui claras limitações ao não dialogar com forças e elementos de incerteza e imprevisibilidade que constituem a essência da natureza humana. O texto não é conclusivo, nem poderia, mas sugere um caminho para reflexão, pistas para o debate que conecta dois vastos e complexos campos do conhecimento, a psicologia e a administração das organizações.

## **Kronos e Kairos, no debate sobre a unilateralidade da razão**

Para Jung o inconsciente coletivo representa a conexão do indivíduo com sua dimensão universal, com conteúdo herdados que o conectam enquanto experiência singular, à toda a humanidade. Esses conteúdos são formados por imagens primevas ou primordiais, daí a denominação de “arquétipos”. A palavra deriva de “arkeya”, utilizada como a imagem essencial ou primordial de algo na filosofia platônica antiga. Os arquétipos não possuem forma definida, são “vasos” que devem ser preenchidos pela experiência única de cada ser humano. Jung construiu o conceito a partir de sua própria experiência clínica, mas sobretudo do estudo e observação de mitos, contos e fábulas em

povos de diversos continentes, comprovando conteúdos simbólicos semelhantes ou equivalentes, portanto, universais. Funcionando como uma ponte de acesso entre o consciente e o inconsciente coletivo, os arquétipos conectam-se às vivências positivas ou negativas, conteúdos reprimidos ou complexos. Os complexos podem se estruturar em torno de construções arquetípicas com alta carga afetiva, consumindo e gerando grande energia psíquica. No inconsciente coletivo os conteúdos têm grande energia simbólica. O símbolo guarda sempre uma tensão entre forças opostas e um potencial de integração de partes que estão separadas.

Essa energia é encontrada nos mitos, os mitos são grandes metáfora para o entendimento e ampliação dos conteúdos do inconsciente coletivo. Jung considerava as histórias mitológicas e sua simbologia, uma verdadeira herança espiritual e psíquica, capazes de ajudar a entender as angústias do homem e do mundo contemporâneo. Conforme Campbell (1991):

Como os sonhos, os mitos são produtos da imaginação humana. Suas imagens, em consequência, embora oriundas do mundo material e de sua suposta história, são, como os sonhos, revelações das mais profundas esperanças, desejos e temores, potencialidades e conflitos da vontade humana (...) ou seja, todo mito, intencionalmente ou não, é psicologicamente simbólico. Suas narrativas e imagens devem ser entendidas, portanto, não literalmente, mas como metáforas” (p. 49).

Assim, as histórias mitológicas são como uma comunicação direta do inconsciente coletivo, possibilitando a ampliação consciente para diferentes realidades vividas, medos, angústias, esperanças, dramas etc. Os mitos podem ter, segundo Campbell diversas funções (religiosa, lógica, ética e estruturante). Entre as várias narrativas mitológicas, entendemos que a dualidade proposta na noção de tempo pela história de Cronos e Kairós é emblemática da capacidade explicativa para questionar as práticas organizacionais tradicionais baseadas na unilateralidade da razão.

O mito de Crono, um dos Titãs, (ou Krónos)<sup>9</sup> trata da temática do tempo na sua dimensão de construção e destruição, como o senhor do tempo, do destino e da morte (BRANDÃO, 1990). Crono no mito, é filho de Gea, a Terra, castra seu pai, Urano, o Céu, que odiava porque Urano devolvia ao útero materno todos os filhos. Do sangue de Urano, derramado sobre Gea, nasceram as Erinias, os Gigantes e as Ninfas Meliades. Jogados ao mar, os testículos formaram uma espuma da qual nasceu Afrodite. Com isso os titãs são libertos, irmãos de Crono, Urano separa-se de Géia e a vida na terra acontece. Daí deriva o termo “cronológico” (da origem grega “Cronos”) para designar o tempo finito, com transformações previsíveis, esperadas e irreversíveis, como o processo de envelhecimento. Crono casa com Rea (ou Réia), sua irmã, e devora os filhos na medida em que nascem. Um dos filhos escapa do destino, Zeus. O tempo de Crono é o tempo da consciência, do desenvolvimento da história, das etapas que representam a evolução.

Os gregos consideravam também que o tempo de Cronos era como um juiz que revela a verdade em última instância, que provoca o esquecimento que cura. Há outra percepção do tempo na tradição grega, que se relaciona ao “tempo oportuno”, ou Kairós (καιρός). Numa tradição ele é filho de Zeus e Tykhe, a divindade da fortuna e da prosperidade. Nessa tradição, Kairós é um jovem de corpo atlético com asas nos pés o que lhe dá mobilidade extrema, calvo, carregando uma balança numa mão e noutra uma navalha. Depois que passava era impossível de ser agarrado, trazê-lo de volta.

---

<sup>9</sup> A interpretação da renascença associou a palavra grega “Cronos” ao deus “Cronos”. Embora gráfica e foneticamente sejam diferentes. Segundo alguns autores a associação foi motivada pela posição de Cronos na mitologia como um deus da primeira geração, de um passado inconcebível, do tempo que tudo devora e outras semelhanças (BRANDÃO, 1990).



***Cronos e seu filho - Romanelli (1610-1662)***



***Personificação de Kairós em mármore do século 4 a.c.***

*Fonte: Museu Arqueológico em Turim*

Há interpretações de kairós como o tempo do Self, o “momento de Deus”, a ideia de “tempo certo”. Kairós difere dos outros deuses pois sua representação nem sempre está associada a uma imagem única, ao contrário. Ele pode ser visto na inteligência de Atena, no amor de Eros e no vinho de Dionísio. É um instante, fugaz e preciso que não pode ser medido, cuja medida não há métrica. Noutra tradição ele é filho de Cronos. Nessa segunda tradição ele tem seis filhos conhecidos como Crônidas: Héstia, Deméter, Hera, Hades, Poseidon e Zeus. Zeus aliado à Métis (filha do titã Oceano), enfrentou Crono e o obrigou a regurgitar todos os filhos, expulsando-o para o Tártaro. O exílio de Crono representa a transição dos antigos deuses para os deuses olímpicos imortais.

O conteúdo arcaico associado à Kairós está relacionado também à sincronicidade. A coincidência não causal, nem no tempo, nem no espaço, de eventos que juntos produzem um conteúdo psíquico paralelo, complementar e interdependente, muitas vezes, em estados mais baixos de consciência (*abaissement du niveau mental*). Esse sentido não intencional de fenômenos que se sincronizam tem a energia de Kairós.

Outras representações do mito configuram Cronos e Kairós como dois cavalos de uma biga, o primeiro mantém o passo, o ritmo, o segundo, arremete para frente, ataca (FREITAS, 2005). O tempo sincrônico é o tempo de Crono, o tempo diacrônico, é o tempo de Kairós.

A seguir uma síntese das metáforas, simbologias e conceitos associadas aos dois deuses, ampliados como imagens arquetípicas:

**Diferenças conceituais entre Cronos e Kairós**

Dimensão	<b>Crono (Cronos)</b>	<b>Kairós</b>
<b>Origem mitológica</b>	Filho de Geia e Urano, pai de Héstita, Deméter, Hera, Hades, Poseidon e Zeus	Filho de Zeus e Tyhe
<b>Natureza do tempo</b>	Tempo físico e material	Tempo abstrato e imaterial
<b>Medida do tempo</b>	Tempo medido, como fluxo, esperado, previsível	Tempo único, singular, oportuno, ocasião, incerto, imprevisível
<b>Associação de palavras</b>	Morte, fatalidade, destino, monotonia, repetição, equilíbrio, ciclos, infinito, racional	Vida, surpresa, transformação, arbítrio, intuição, finito, irracional
<b>A percepção humana</b>	Fora do controle humano, juiz de todos, a cura pelo esquecimento	Depende das decisões humanas, viver o presente, o tempo não contínuo, não cronológico
<b>A dimensão do sagrado e da sincronicidade</b>	Tempo terreno, da mortalidade humana, profano Racionalidade Masculino	Instante sagrado ou dos deuses Eventos de sincronicidade Intuição e emoção Feminino

Fonte: elaborado pelo autor

Cabe observar, contudo, que para os gregos Cronos funcionava como um pano de fundo, absorvendo Kairós, sendo o contrário, impossível. Kairós é a energia humana imprevisível e transformadora que irrompe a monotonia cíclica do tempo cronológico. Ou seja, novamente o princípio das polaridades que se completam, dos contrários que são interdependentes, são dois princípios opostos, mas relacionados.

Como observou Tiscareño (2009):

Cronos representava o tempo linear, aquele que nos consome e nos conduz até a morte...é o tempo da viagem que nos conduz do nascimento à morte e marca também, o início e o fim de cada lapso

de nossas vidas sem importar-se se tais fragmentos temporais são plenos de tempo, ou são somente percebidos em sua passagem. Trata-se de um tempo quantitativo. Kairós, por outro lado...simboliza o momento de felicidade, de mudança, de inovação ativa, de oportunidade...pode ser visto, também, como uma experiência interior dos seres humanos, de distensão anímica (p. 226, tradução do autor)

Pode-se ver que as narrativas de Kronos e Kairós são singulares, mas se definem pela unidade indissociável. Só há ordem do tempo, se for possível a existência de uma incerteza dura e permanente sobre o tempo. Há uma relação dialética aqui. Uma tese cronológica baseada na previsibilidade do tempo como um rio que corre e uma antítese, posta pela condição humana imprevisível. O resultado é a síntese dos acontecimentos, de um devir histórico marcado por movimentos pendulares e circulares no mesmo compasso das questões postas pelo clássico dilema existencial que contrapõe a liberdade à necessidade.

### **O tempo kairológico como incerteza**

O tempo kairológico é um de passagem transformadora que encontra uma brecha no tempo “plano” e “linear” de Cronos. Honkanen (2007), propõe que o tempo de kairós é um tempo que sugere uma quebra, uma ruptura na cadeia linear cronológica. É como uma dimensão transversal que atravessa a uniformidade dos acontecimentos, em kairós pode-se “chegar antes de sair”. Esse potencial destruidor/transformador do para kronos/kairós foi claramente assinalado por Jung (2013):

O desenvolvimento da arte moderna...deve ser entendido como sintoma e símbolo de um espírito universal de decadência e de renovação do nosso tempo. Esse espírito se manifesta em todos os campos, tanto político como social e filosófico. Vivemos no kairós da “transformação dos deuses”, dos princípios e símbolos fundamentais. Essa preocupação do nosso tempo, que não foi

conscientemente escolhida por nós, constitui a expressão do homem inconsciente em sua transformação interior. As gerações futuras deverão prestar contas dessa modificação e de suas graves consequências, caso a humanidade queira se salvar da autodestruição ameaçadora de seu poder técnica e ciência.” (§585)

Nesse pequeno trecho, onde Jung discute o problema do autoconhecimento, o tempo kairológico aparece como o pano de fundo das transformações “do nosso tempo” causadas pela crise simbólica gerada pela ameaça de autodestruição.<sup>10</sup> A compreensão da dualidade e conexão entre os princípios de Cronos e Kairós, como já vimos, também é importante para entender o significado da integração do inconsciente individual com o ego, o processo de individuação.

Fazendo uma possível ampliação e conexão entre abordagem dos tipos psicológicos junguianos e o conceito de tempo baseado na percepção arquetípica de Cronos e Kairós pode-se chegar a achados interessantes. Os tipos “sensação”, voltados para o aqui e o agora, valorizam mais o curto prazo e tem mais dificuldades para manejar visões de longo prazo ou futuros prováveis e potenciais. “Organizações sensação” tem baixa capacidade imaginativa em relação ao seu próprio futuro. Já os tipos intuitivos, estão ao contrário, voltados para possibilidades futuras, concentram-se quase que exclusivamente lá, nesse lugar distante, projetando metas e objetivos, utopias longínquas. Os “intuitivos” concentram-se nos processos de como chegar até esse lugar. Os tipos sentimentos baseados em seus próprios valores, se voltam mais para o passado, para a preservação de uma trajetória. As “organizações sentimento”, projetam o futuro como uma repetição do passado. O tipo “pensamento” experimenta a condição temporal como um contínuo entre passado, presente e futuro, uma percepção linear, como um fluxo dinâmico, eterno e cíclico.

---

<sup>10</sup> Jung escreveu impactado pela explosão das primeiras bombas de hidrogênio nos anos 1950.

## Conclusões

A abordagem junguiana desconstrói a noção de causalidade unilateral. Uma segunda camada que se ergue sobre a primeira, aqui analisada, é compreensão do poder de influência do inconsciente coletivo, da carga arquetípica sobre a experiência individual. A dualidade Cronos / Kairós, tomada nesse ensaio como exemplo, demonstra a potencialidade exploratória dessa abordagem.<sup>11</sup> A interpretação junguiana do comportamento individual e coletivo como resultante de forças arquetípicas em tensão permanente, ou como disse Jung, os arquétipos são os leitos dos rios por onde correm a pura energia psíquica coletiva, fornecendo significados simbólicos, integrando consciência aos conteúdos internos, inspirando, revelando, iluminando, tanto para gerar possessões e psicoses, como momentos criativos e libertadores. A simples consciência de uma energia arcaica é variável desconhecida no mundo do *management*, talvez, por isso também, suas práticas sejam tão neurotizantes e psicóticas.

## Referências:

BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*, vol. 1. São Paulo: Vozes, 1990.

CAMPBELL, J. *A Extensão Interior do Espaço Exterior*. R. Janeiro: Campus, 1991.

FREITAS, L. *Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana*. Psicol. USP, vol.16, no. 3., 2005.

---

<sup>11</sup> Nos anos 2000, a literatura gerencial disseminou a expressão “Mundo VUCA”, o que seria um acrônimo para *Volatility, Uncertainty, Complexity e Ambiguity*, para ajudar os gerentes a entender e planejar num ambiente de forte insegurança. Um olhar arquetípico poderia explicar essa percepção com muito mais consistência e profundidade, pois trata-se exatamente da energia kairológica em conflito com a energia cronológica em plena realização.

HONKANEN, K. Aion, Krnos and Kairos: On Judith Butler's Temporality, 2007.

HOLLWITZ, J. *Individuation at Work: Considerations for Prediction and Evaluation*. In: Stein, M. and Hollwitz, J. (editores). *Psique at Work: Workpace Applications of Jungian Analytical Psychology*. Wilmette, Illinois, Chiron Publications. 1992.

JUNG, C.G. *Tipos Psicológicos*, Obras Completas, 6, 8ª edição, Editora Vozes, 2013b

TISCAREÑO, R. *Entre Cronos Y Kayros*. De Guadalupe Valencia In. *Noesis*. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades, Vol. 18. N. 36, 2009.

# A herança de Lacan

---

Alessandro Adami <sup>12</sup>

## 1. Introdução

A compreensão da obra Lacaniana, se passa muitas vezes como se houvesse o predomínio do último pensamento do autor sobre o primeiro e consequente anulação do que veio anteriormente. No entanto, assim como todo autor, seja de ordem escrita ou verbalizada como no caso de Lacan, deve-se



acompanhar seu desenvolvimento de acordo com as diferentes fases de seu pensamento como aponta sua obra. Priorizar o último em detrimento do primeiro, não seria exatamente o que Lacan começou criticando em Freud?

O tempo que se passa da entrada de Lacan na psicanálise a sua saída em 1980 e o posterior a sua morte, traz a impressão de que com Lacan foi feito o mesmo que acontecera com Freud e seus seguidores. Dentro deste interim vale recordar o câncer de Freud, que podemos muito bem ironizar, que se tornou o câncer da psicanálise, pois foi posterior ao diagnóstico de Freud e o pouco tempo de vida que o médico lhe conferiu (e Freud compartilhou), que o comitê

---

<sup>12</sup> Psicanalista, Psicólogo, Especialista em Psicologia clínica de Orientação Psicanalítica, Mestre em Envelhecimento Humano.

psicanalítico se apressou para criar as regras da formação em psicanálise (JORGE, 2018).

Como demonstra Safouan (1985), os berlinenses, ou melhor, aqueles que se viam como os herdeiros da psicanálise a partir desta circunstância, apossaram-se da figura de Freud em vida, para outorgar o tempo de formação de um analista, bem como os processos da supervisão, sendo que, como observa Jorge (2018), depois de criado este comitê, jamais foi revisado sua configuração.

São circunstâncias como estas, que motivaram Lacan em seu movimento de retorno a Freud, a possibilidade de releitura e questionamento do que se fazia em psicanálise. No entanto, cabe questionar, se aquilo que Lacan quisera evitar sobre a psicanálise e a si mesmo não caiu em contradição devido aos rumos que tomou seu ensino por quem o ensina e transmite seu ensino com mão de ferro, pelo que recebeu sua obra como herança e ponto para construção de sua própria obra e interpretação. Com o objetivo de questionar esta interpretação e destino da obra e ensino de Lacan por Jacques Alain Miller, bem como de seus críticos, este trabalho se baseia em uma revisão bibliográfica e análise crítica do ensino herdado de Lacan buscando evidenciar a possibilidade de leitura própria a cada um de Lacan, bem como do próprio modo de ser psicanalista.

Vale se considerar neste ponto, como ressalta Eidelzstein (2020), que Lacan diferente dos psicanalistas em geral, lia e questionava a produção teórica da psicanálise, bem como aquele que ninguém ousava em questionar, o próprio Freud dentro de seu trabalho. O mesmo nos cabe hoje quanto ao seu ensino e a prática enquanto psicanalistas.

## **2. O ato de Lacan**

Lacan desde sua entrada na psicanálise, até sua última conferência no ato de dissolução, manteve-se firme a proposta de que ele era freudiano, que se os que o seguiam quisessem ser lacanianos, que criassem o próprio método (EIDELSZTEIN, 2020; GOLDENBERG,

2019). Porém, parece que esta mensagem não foi entendida. Não era à toa, nem por acaso, que Lacan se sentia incompreendido pelos seus ouvintes. Esta condição fora uma constante em seu ensino, desde o momento que questiona o entendimento de quem lhe acompanha na conferência Onde está a fala? Onde está a Linguagem? na classe de 15 de junho de 1955, até suas conferências para os Latinos no fim de sua vida por não se sentir compreendido pelos franceses (seus ouvintes) (EIDELSZTEIN, 2020).

O objetivo que Lacan tivera, sentiu como tendo fracassado. Se ele objetivara com seu questionamento e proposta própria de psicanálise criar algo novo, que diferenciasse a psicanálise da verdadeira da falsa, o avançar do tempo e a adesão a sua proposta aponta a criação de um impasse e a apropriação de seu posicionamento de diferentes ordens (GOLDENBERG, 2019; JORGE, 2018). Dado esta condição, é importante pontuar, que Lacan quisera acreditar que encontrara quem entendeu ter compreendido a sua mensagem pela sistematização que fez de seu ensino, Jacques Alain Miller, que viria a ser seu genro, bem como posteriormente alguém que Lacan conferiu o papel de herdeiro de sua obra (ROUDINESCO, 2008).

Miller se tornou não só o herdeiro, mas também se autodenominou como o detentor das obras e ensino de Lacan, de tal forma, que todos os Seminários publicados se tornaram como algo da edição standart, são publicados somente pela sua supervisão e autorização na editora Seuil de sua escolha.

Em 13 de novembro de 1980, Lacan ditou e depois assinou perante o tabelião e em presença de duas testemunhas, um médico e Gloria Gonzalès, um testamento datilografado em boa e devida forma, pelo qual instituía como herdeira universal a filha Judith, e, em caso de falecimento anterior, os filhos dela. Nomeava Jacques Alain Miller executor testamentário de sua obra publicada, sem nenhuma instrução concernente a esta (ROUDINESCO, 2008, p. 547).

Continuando com a autora (2008), foi Charles Melman, analista de Miller e seu aliado durante muito tempo quem denunciou o mesmo por estar usando textos apócrifos de Lacan. Como refere a

autora com base nos escritos de Melman, no fim da vida, muita coisa era definida como se fosse de Lacan com a simples assinatura do mesmo. Se falava em nome de Lacan.

Dessa mesma forma, Miller adotava a legitimidade da obra do mestre, conferindo ao seu movimento a legalidade do lacanês pelas próprias vias. Não por acaso, seus seminários buscaram surgir em uma terra que se anunciara como a prometida pelo próprio Lacan, a América Latina.

Como demonstra Goldenberg (2019), não fora outra coisa que formara o idioma chamado lacanês, “uma transmissão pífia da clínica, apoiada na imitação das anedotas do que dizem que ele fazia com seus pacientes (muitos deles tornados “apóstolos” (2019, p. 53). Quiçá como ainda observara Goldenberg (2019), não precisemos desler Lacan? Ou melhor, como nos coloca Jorge (2018), interpretá-lo ao próprio modo, de acordo com o próprio exercício da clínica? São questões de suma importância a nossa discussão, pois remontam ao problema que Lacan combatia na psicanálise, mas que não ficou longe de seu círculo, a institucionalização do movimento.

Se antes tínhamos os adoradores e repetidores do mestre inquestionável Freud, agora nos encontramos com os papagaios de Lacan (apud Miller), que repetem como se quisessem ser como ele, ou melhor, que desejam repetir o movimento de Lacan, tal como empreendido por Miller e seus seguidores em sua peculiar escola ao redor do mundo (EIDELSZTEIN, 2020, GOLDENBERG, 2019).

Nossa crítica não visa desmerecer a produção dos continuadores desta mensagem, pois de fato, como em toda escola, há ótimos analistas, mas sim criticar a posse da palavra do mestre como seus verdadeiros discípulos, apóstolos reveladores da mensagem do profeta. Afinal, não fora essa a impressão dada no título e conteúdo das palestras daquele que se tornou o herdeiro e que não quis partilhar com ninguém que não partilhasse de seus ideais?

### 3. Herança de Lacan

O fato de Lacan procurar alguém que pudesse conferir o lugar de destaque a sua obra era uma preocupação constante, procurando já nos anos iniciais de seu ensino em um de seus analisantes fora das sessões de análise, uma parceria editorial para sua obra como nos conta em sua biografia Elizabeth Roudinesco (2008). Tudo começara em uma conversa em 1954 ao tomar um chá com “o grande feiticeiro” (p. 437). A referente análise durou até 1961, no entanto, dentro deste interim, em 1957 Whal começara a trabalhar na editora Seuil.

Sendo ao mesmo tempo um analisando, um ouvinte do seminário e um interlocutor intelectual, Whal reunia todas as qualidades necessárias para vencer as fobias de Lacan e fazê-lo parir sua grande obra escrita. Mantinha com o mestre relações semelhantes às que este sempre exigira de sua roda. De fato, para ganhar a confiança de Lacan e não ser acusado de plágio ou de traição era preciso ou permanecer totalmente alheio a seus empreendimentos, ou, ao contrário, integrar-se inteiramente a ele segundo o ciclo-divã-seminário-transferência (ROUDINESCO, 2008, p. 437).

Continuando com a autora, foi através destes encontros e desencontros, que Lacan, preocupado como era de ser plagiado, publica em 1966 seus Escritos, reunindo em um livro seus textos e artigos que marcaram seu pensamento (ROUDINESCO, 2008). Livro este, que marcou tanto a psicanálise, como diferentes linhas de pensamento e autores que lhe acompanhavam em seus seminários.

Whal acompanhou Lacan como seu editor na editora Seuil até seu desaparecimento, dando segmento a sua obra através de Miller até se aposentar em 1990. Enquanto Lacan era ainda vivo, a conversa era completamente diferente do modo como se tornara com Miller, pois Whal sabia das confusões que este estava metido e como o mesmo havia transformado Lacan ao próprio modo na direção dos seminários que foram publicados, assim como de outros escritos (ROUDINESCO, 2008).

Miller não era nem um pouco ignorante quanto a proposta de Lacan. Sua questão fica em torno da interpretação e tradução, pois é

inegável que tomara para si o que Lacan lhe dissera no passado (ROUDINESCO, 2008), que ele era o único que conseguia o interpretar e organizar sua obra. De tal forma, que hoje se discute e se busca elucidar como apontam Goldenberg (2019) e Eidelsztein (2020), outro Lacan, o próprio.

Em seus seminários, bem como artigos, Lacan, leitor de Freud e do que se publicava em psicanálise, não deixa de citar autores Ingleses, bem como os da psicologia do Ego como forma de contrapor ao que dissera Freud e a partir de sua leitura construir a interpretação que datava como a verdadeira. E de fato, Lacan era implacável neste aspecto, não aceitava críticas de seu meio, mas lidava bem com as que viam de outros grupos (ROUDINESCO, 2008).

Neste aspecto, vale assinalar, a briga constante de Lacan junto a IPA, com a qual tinha horror ao seu dogmatismo, combatendo esta por diferentes vias. No entanto, não era bem a IPA o centro da atenção de Lacan, mas sim a proposta clínica, teórica, prática que a psicanálise se propunha por meio de sua transmissão (GOLDENBERG, 2019). Foi em atenção a isso, que Lacan questionava o próprio modo de se fazer psicanálise. Seu objetivo ao reler Freud, era justamente não querer ser como Freud. Não foi à toa, que Lacan, na última visita de Freud a França, a convite de Marie Bonaparte não foi ao encontro do mestre. A transferência como ele apontara, não era com Freud, mas sim com os seus textos (ROUDINESCO, 2008).

### **3.1 Um Jacques antes de Lacan, Miller**

Poderia se questionar, se o mesmo não acontecera com Lacan, pois, há outro Jacques antes de Lacan como aponta Goldenberg (2019), Jacques Allain Miller, herdeiro e apóstolo do mestre de acordo com o próprio Miller. Vide que, logo após a morte de Lacan, passamos dos seminários de Lacan aos seminários de Miller, se antes havia a releitura de Freud por Lacan, agora há a releitura de Lacan por Miller. Desde 1980, após a dissolução da escola francesa de psicanálise por Lacan, foi criado a escola da causa freudiana, hoje conhecida como

organização mundial de psicanálise, que se reconhece com a verdadeira ortodoxia.

Parece uma patacoada ao discurso de Lacan, mas deixemos isso de lado para nos determos a proposta renovada do mestre como apontada por aquele que se propôs a elucidar, trazer a mensagem revelada do mestre que havia lhe confiado a sua palavra (GOLDENBERG, 2019). Continuando com o autor (2019), a convite de Jorge Forbes, Miller veio ao Brasil proferir suas palestras em diversas ocasiões no que acabou registrado para que todos pudessem ler na obra, Lacan elucidado, um título um tanto provocante, pois traz o próprio tom de Miller como o detentor do código, da mensagem do mestre, lhe aplicando um tom um tanto evangélico de revelação.

Não foi à toa, que Miller (2011), revela trazer o antídoto para o próprio ensino de Lacan e o problema da psicanálise. Seu discurso assume tal monta, que em sua leitura coloca Lacan contra Lacan e demonstra a seu modo, que haveria um primeiro, segundo e que o último superaria, colocaria a baixo o primeiro. Fora um caminho de evolução, até o ultimíssimo, o verdadeiro!

Como complemento desta mesma condição, ressaltando o papel daquele que elucida a obra de Lacan, a editora na apresentação da obra, Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos: entre desejo e Gozo, destaca que Miller,

[...] em seu estilo de transmissão, procura demonstrar o percurso próprio a Lacan, como, por exemplo, as viradas em seu ensino - Lacan contra Lacan: a primeira virada, que instala a subordinação do gozo ao primado da linguagem; e a segunda, que explora a subordinação da linguagem ao gozo e é o avesso da primeira (MILLER, 2011, p. 07)

Foi neste sentido, que, priorizando a chamada segunda clínica, marcada pelos últimos momentos do ensino de Lacan se deu prioridade e exclusividade ao Real, como se este registro agora desabonasse e descreditasse os outros, do simbólico e do imaginário.

O último ensino de Lacan começa com essa clivagem entre a estrutura e os elementos de acaso prévios, os quais ela encaixa e

significa. A prática da psicanálise ganha então outra ênfase. Trata-se de reconduzir a trama de destino do sujeito da estrutura aos elementos primordiais, fora de articulação, quer dizer, fora do sentido e, por serem absolutamente separados, podemos dizê-los absolutos. Trata-se de reconduzir o sujeito aos elementos absolutos de sua existência contingente (MILLER, 2011, p. 82).

Nesta perspectiva, Miller (2011) falará do Real em um primeiro momento, a partir de sua articulação com o simbólico, para depois falar dele como pura contingência, o impossível, relacionando-o com a pulsão, para então trazer o seu aspecto relacionado ao gozo. Como observara Miller (2005), o gozo está relacionado a um corpo gozante, mas que também assume um papel de mais-gozar como Lacan viera a apresentar na segunda clínica.

Miller (2005, 2011, 2015), traz uma peculiaridade ao falar das diferentes proposições de Lacan, como se a última aniquilasse a primeira. Uma questão característica de seu ensino a respeito da própria clínica e o modo como leva a sua interpretação de Lacan sobre a égide do Real, tudo é real ou gozo! (EIDELSZTEIN, 2020). Os próprios casos apresentados em congressos, discussões clínicas, por ele e seus seguidores, principalmente pelos últimos falam da teoria do Real, não dos pacientes reais como tem demonstrado seus críticos (EIDELZSTEIN 2020, GOLDENBERG 2019, JORGE 2018, ROUDINESCO 2008, SAFOUAN 1985).

Tratando desta questão, Eidelsztein (2020) observa que há um outro Lacan, diferente deste ensinado em certas fileiras de formação como esta que temos citado neste trabalho. O demonstra através da análise das teorias propostas em torno do Real e a recusa diante do que compete ao simbólico e ao imaginário. Para situá-lo, analisa o corpo e a relação que o sujeito assume diante dele, ressaltando, que na obra de Lacan, desde o começo, sem mudar no final, o corpo pertence antes de tudo, ao domínio do imaginário. O situa através de um caso clínico,

[...] de colegas lacanianos que participei faz pouco tempo: é o caso de uma paciente que afirmava que havia baixado 20 kg., a analista tratou de esclarecer ao público que isso não era certo, que a paciente não havia baixado nenhuma grama, mais ainda, relatou

que estava mais gorda. Se dão conta da orientação teórica da prática clínica? A analista não perguntou – nem lhe perguntou, nem se perguntou – porque a paciente cria, sentia, sabia, etc., que havia emagrecido ou como havia feito para emagrecer; por exemplo, poderia ter sido uma intervenção pertinente: Como é que você emagreceu 20 kg? (EIDELSZTEIN, 2020, p. 27).

Como expressa o autor (2020), se perde a própria noção de corpo em sua dimensão, o tratando como um puro real, fora das condições do sujeito em prol da comprovação de uma teoria. É sob este princípio do Real, que se baseia Miller, de tal forma que propõe a lógica da cura pela perspectiva do Real a ser curado, deixando de lado o laço do sujeito em relação ao seu próprio enodamento em relação ao Real-Imaginário-Simbólico ou do Simbólico em relação ao imaginário e ao real como Lacan também propunha (DE SOUZA LEITE, 2010).

A proposta de tal escola como sugerido por Miller, é do verdadeiro discurso. Da elucidação do discurso de Lacan, frase esta, muito presente nas conferências e/ou seminários de Miller em seu ensino. Neste sentido, se baseia na segunda clínica de Lacan, da proposta do Real (MILLER, 2011, 2015).

[...] haveria na obra de Lacan uma espécie de sequenciamento progressivo e progressista; um desenvolvimento que vai de um primeiro Lacan, que nos deu o homem Imaginário, superado por outro, que nos legou o homem simbólico, para finalmente realizar-se num terceiro, a fina flor do acabamento humano, que seria o homem real. Acho esta concepção imprópria para consumo. Não por estar errada, mas porque um estudioso de Lacan sabe que um ordenamento tal é impossível de fazer. Quem quiser efetuar esta mágica, precisa recorrer ao método de recortar e colar, pondo dentro da lista o que lhe convém e descartando o que não lhe convém (GOLDENBERG, 2019, p. 82).

Foi deste real, da chamada virada lacaniana como aponta Miller (2011), que veio a proposta da segunda clínica, a clínica do Real que superaria os ditos de Lacan anteriores, classificados como pertencentes a primeira clínica. Como se os mesmos, tratassem de equívocos de Lacan ou falas que caíram no vazio diante da clínica. Uma expressão um tanto auspiciosa, pois torna a clínica única.

Proposições como estas, são marca registrada do ensino de Miller, basta ler um de seus seminários. Assume o ensino de Lacan, como aquele que revela algo, que traz as boas novas (2011, 2015). Não à toa, se refere a seu trabalho inúmeras vezes como a elucidação do discurso de Lacan para depois apontar seus erros. Algo semelhante ao que Lacan fizera com Freud, com a diferença é claro, que Lacan trazia uma discussão e debate mais concisos.

Fica-se assim, a impressão de que o fato de Lacan mesmo ter anunciado que o único que o soubera ler, por o questionar, tivesse se tornado o único autorizado a seu ensino.

A semana passada, minha introdução do inconsciente pela estrutura de uma hiância ofereceu ocasião a um de meus ouvintes, Jacques-Alain Miller, para um excelente traçado do que, nos meus escritos precedentes, ele reconheceu como a função estruturante de uma falta, e ele a reuniu, por um arco audacioso, com o que pude designar, falando da função do desejo, como falta-a-ser (LACAN, 2008, p. 36).

Esta fala de Lacan pode ser tomada sobre diversos sentidos, o próprio Miller (2015), o toma como um convite a vir a substituir o lugar do mestre e, de fato ele o fez.

No Seminário 11, dos quatro conceitos fundamentais ... falta algo que não foi gravado. Falta a primeira intervenção que fiz, a primeira vez que me dirigi a Lacan - era a segunda vez que o via, pois era a segunda lição deste seminário- e recordeo haver dito que em minha opinião, ele não era para ninguém um mago, se não que era um teórico crítico e rigoroso da psicanálise (MILLER, 2015, p. 25-26)

Este é o sentido, Lacan como um teórico rigoroso e crítico, de fato diferente dos outros analistas, que teve seu próprio modo de ler Freud que tomara Miller e propõe para seu trabalho a partir de Lacan em seus seminários ditados em Caracas e Bogotá. Palavras de Miller, na América Latina, terra que Lacan tinha confiado como aqueles que melhor o podiam ler e que justamente por não o terem escutado, quem sabe o soubessem ler. Porém, foi Miller quem fez esta leitura.

### 3.2 O último Lacan, ou melhor, o Lacan de Miller

O ultimíssimo Lacan, clínica do real, são concepções que pertencem a Miller e seu modo de ler Lacan sob a base de seus últimos seminários/escritos, supondo através deste não uma complementação ao anterior como houvera em Freud, mas sim uma superação do que viera antes. O mesmo não quer dizer, que Miller não analise o Simbólico e o Imaginário, o chamado “estruturalismo de Lacan” dos seminários 1 ao 11. Como é possível observar em seus seminários, escritos de um modo geral, surge uma leitura própria de Lacan, na qual corresse o risco de perder de fato o que dissera Lacan.

Este modo a la Miller evoca o primeiro ensino de Lacan até o Passe. Daí em diante, vemos muito mais de Miller do que de Lacan, dando o prelúdio daquilo que faria após o declínio do mestre. A confiança de Lacan em Miller se dava como um ato de interpretação, daquele que sabe ler. Vide uma das notas no começo de Televisão, no qual Miller, organizador do texto publicado: “Pedi aquele que lhes respondeu que passasse pelo crivo o que ouvi do que ele me disse. A nata disso foi colhida na margem, à guisa de manuductio” (Lacan, 2003, p. 508).

Como pondera Eidelsztein (2020, p. 37) ao citar Lacan (apud Miller, 1987, pp. 264 - 265) no seminário de Caracas, a concepção do último como tem sido ensinado, aparenta ter tido outra proposta, um tanto diferente da que tem sido ensinada como viemos debatendo,

[...] meus três não são seus. Meus três são o simbólico, o real e o imaginário. Fui levado a situá-los como uma topologia, a do nó, chamada borromeano. O nó borromeano destaca a função de ao-menos-três. Ata os outros dois sem nós. Foi o que eu dei aos meus. Eu lhes dei para que soubessem como se orientar na prática. Mas será que eles se orientam melhor do que com o tema legado por Freud ao seus? Deve ser dito: o que Freud desenhou com sua chamada segunda tópica sofre de uma certa falta de jeito. Imagino que foi para se fazer entender dentro dos limites de seu tempo (2020, p. 37).

Lacan propriamente aqui, demonstra sentir o problema sobre seu ensino e os rumos que este tomava. Fala aos seus de acordo com

Goldenberg (2019, p. 14), que irá visitar seus lacanoamericanos, pois eles são o futuro de seu ensino, dado o fato de que eles só o leem e nunca escutaram sua voz. Um verdadeiro gracejo, mas que não fazia ninguém rir. Tampouco fora o primeiro diante de sua plateia. Lacan não deixou de demonstrar o desgosto e sua rispidez por não se sentir entendido.

A cena demonstra por si só, a dificuldade e as diferentes transferências com a obra e a figura de Lacan, tal como houvera com Freud. Porém, é importante ressaltar as leituras possíveis de Lacan, pois assim como Miller propõe sua leitura, a cada leitor, psicanalista, é possível a própria leitura e interpretação de Lacan. Deve-se ter em mente o que ele quis dizer, quais foram suas fontes e o que motivava seu pensamento, tal como Lacan fez com Freud a partir das próprias lentes.

Fora este o movimento, que se construiu sobre a lógica do Imaginário, Simbólico e Real, com a predominância do simbólico em um primeiro momento nos seminários e ensino de Lacan, para depois trocar a predominância do simbólico pelo Real (DE SOUZA LEITE, 2010). No entanto, essa virada não ignora, nem sobrepõe o que fora dito antes. Dentro deste interim, foi desenvolvido por Lacan a questão do significante, efeito da significação e do signo, metáfora e metonímia sobre a inspiração do estruturalismo de Lévi Strauss e a linguística de Saussure e Jakobson para depois complementar esta lógica por outras vias, a do gozo e do real (JORGE 2018; DE SOUZA LEITE 2010; ROUDINESCO 2008).

Quem deu o start ao mal-entendido sobre o real, o corpo e o gozo, no qual estamos atolados até hoje, foi adivinhem quem! Em um congresso em São Paulo em 1985 cujo eixo de trabalho foi o slogan: “Não tudo é significante.” Afirmação com a qual concordo. Acontece que o lema foi difundido como se estivesse sendo dito que aquilo que não seria significante poderia não apenas ser pensado como também acessado diretamente. Real puro, sem significante e sem estrutura. Os mesmos que repetem “não há metalinguagem” falam de um acesso ao real (depois, denominado “gozo”) tomado como a coisa-em-si fora da linguagem. Chamaram isso de “clínica do ato” ou “clínica do real” (GOLDENBERG, 2019, p. 164).

Continuando com o autor (2019) nenhum ato é condição sine qua non de um outro ato, assim como um significante em sua individualidade não quer dizer nada. A sua relação com o próximo se encontra na origem do mesmo. Quando dizemos que um ato é falho ou bem sucedido quando falha, o fazemos porque o ato falha quanto ao referente. “O fracasso de minha ação de abrir indica o sucesso do meu desejo de fechar (2019, p. 164). O real do ato não seria nem a abertura, tampouco a fechadura, mas sim o ato de ter fechado, tendo a intenção de abrir. O real do ato, é a sua própria falha, este é seu objetivo como demonstra o autor (2019) seguindo de fato o que nos dissera Lacan e não Miller.

A introdução do gozo modifica o valor dado à metonímia fazendo com que haja uma mudança do acento antes posto sobre a metáfora, deslocando-o para a metonímia. [...] Essas mudanças implicam uma nova definição de inconsciente que a passa a ser entendido como um saber cifrado, escrito, que aloja o gozo. [...] Haveria então uma mudança de ênfase do entendimento do inconsciente de um “querer dizer”, que seria o paradigma da primeira clínica, para um “querer gozar”, paradigma que funda a segunda clínica (DE SOUZA LEITE, 2010, p. 109).

De fato, uma mudança da visão clínica, mas devemos tomar cuidado com a ideia de mudança de paradigma como algo que desconstrói por completo o antigo, pois cair nesta linha corre o risco de construir uma clínica do Real que ignore a função e participação do simbólico e imaginário.

Sob esta égide, como o portador do código da mensagem, Miller levanta problemáticas antigas e caras a Lacan, como a confusão entre psicoterapia e psicanálise, ressaltando o preconceito terapêutico contra a psicanálise, mas tenhamos calma, pois o amigo nos revela ter o antídoto para livrar a psicanálise e o mundo lacaniano do mal entendido.

[...] uma rotina costumeira, como se expressava Lacan, está hoje em vias de se enraizar na psicanálise, fazendo do efeito terapêutico o alfa e o ômega da disciplina e até mesmo sua justificação. Foi o que me impediu de ficar no porto, obrigando-me a relançar nosso barco, pois dar essa centralidade à ação terapêutica é ceder ao que o mundo doravante reclama da psicanálise, para seus próprios fins,

seus fins de utilidade, seus fins de governança. [...] O preconceito terapêutico é o cavalo de Troia por meio do qual penetra o discurso predominante no mundo no que chamei de a cidadela analítica, a Escola analítica, o Campo Freudiano. Acreditamos sair do entre si, como se diz, quando, na verdade, fazemos entrar o lado de fora, não saímos, fazemos entrar. E o cavalo de Troia é a figura mítica do presente envenenado (MILLER, 2011, p. 10)

Continuando com o autor (2011, p. 11), o sentido de Lacan em sua subversão surge contra a psicanálise didática, em prol de constituir uma psicanálise pura, daí sua crítica do presente envenenado. Quiçá, aqui não seria interessante questionar o próprio movimento de Lacan, pois não estaria ele criando espaço para antídotos que reproduziriam o mesmo veneno?

É um questionamento um tanto intrigante e talvez necessário, pois nem sempre o cavalo de Tróia precisa vir de fora, às vezes como muito bem nos ensina a psicanálise o inimigo ou objeto atacante vem de dentro, de um estranho outro que nos habita.

### **Conclusão**

A crítica a psicanálise engessada, foi marca do ensino de Lacan, de tal forma que desenvolveu sua obra e sua prática sobre esta via. Ousara provocar os analistas, que estes também tivessem um questionamento sobre a teoria e a clínica, no entanto, com o passar do tempo sentira ter fracassado. Diante deste fracasso, elegeu quem confiaria a sua obra. Escolha que se mostrou como um fracasso, pois foi a partir desta escolha e seus resultados que a bagunça foi feita.

Seu escolhido, Miller, tomou posse da obra do mestre como os freudianos haviam feito com Freud, porém, de forma mais virulenta, descrevendo a sua leitura e rumo da obra de Lacan como únicos. Outros tipos de leitura se tornaram errôneos ou ultrapassados, afinal de contas, porque nos remeter ao primeiro se temos o último?

São questionamentos e posicionamentos como estes que nos impedem de avançar e poder questionar a obra de Lacan, pois o mesmo que assumiu sua herança, a tomou só para si. Não só no ensino,

mas também na detenção das obras daquele que ele se tornou o revelador.

Para sair disso, é preciso observar, que há outro Lacan também, diferente do ensinado como único. Aquele que é individual, pessoal de cada um que o lê e seguindo o sentido de suas palavras, faz deste ato algo pessoal e não apenas repetidor como Lacan denunciara desde o começo a respeito do que se fazia com Freud.



Jacques Lacan

Fonte: IPLA

## Referência

DE SOUZA LEITE M. Psicanálise Lacaniana: cinco conferências para analistas kleinianos. São Paulo: Iluminuras, 2010.

EIDELSZTEIN A. Otro Lacan: Estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano. Buenos Aires: Letra viva, 2020.

GOLDENBERG R. Desler Lacan. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

JORGE C. M. Lacan e a estrutura da formação psicanalítica. In: Lacan e a formação do psicanalista. Rio de Janeiro: Contra capa, 2018. (pp. 85-104)

LACAN J. O Seminário, Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, 1954-1955. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN J. O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN J. Televisão. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MILLER J. Seminarios en Caracas y Bogotá. Buenos Aires: Paidós, 2015

MILLER J. Silet: Os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MILLER J. Perspectiva dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: Entre desejo e gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROUDINESCO E. Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAFOUAN M. Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas. Porto Alegre: 1985.

# UM RETORNO ÀS ORIGENS: A FUNÇÃO MATERNA EM WINNICOTT E BLEICHMAR

---

Shaiane Hoffmann<sup>13</sup>



## Introdução

O presente artigo propõe um estudo acerca da função materna. Sabe-se que a figura da mãe desempenha um papel fundamental na constituição psíquica do sujeito. Partindo dessa premissa, compreender os processos que envolvem a interação mãe e seu bebê favorecem o estudo de como ocorre a individualização desse sujeito e o que aconteceria no caso de abandono da função materna.

Ao estudar o desenvolvimento infantil desde a graduação na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento chamou-nos a atenção esse essencial papel da mãe, que alinhavado à estudos da formação nos dá recursos para entendermos melhor no que constitui a função materna e qual a sua importância.

Considera-se que vários autores contribuíram significativamente em estudos abordando o aspecto da importância da

---

<sup>13</sup> Psicóloga formada pela Universidade de Passo Fundo, psicanalista em formação pelo instituto Távola

mãe. Portanto, optei para realizar esse trabalho uma pesquisa teórica em Silvia Bleichmar e Donald Woods Winnicott. A escolha desses dois autores foi devido a suas abordagens conceituais que ofereceram possibilidades fecundas de compreensão acerca do tema, e por gostar demais e admirar esses autores. Tem-se como pano de fundo, a fábula do Patinho Feio que ilustrará o drama do abandono na relação mãe e filho. Diante do exposto, a problemática abordada nesse artigo é no que se constitui a função materna segundo Winnicott e Bleichmar.

Contudo tem-se como objetivos compreender o significado de função materna para esses dois autores, conhecer a importância do desenvolvimento do bebê segundo Winnicott e estudar as tarefas primordiais da mãe na constituição do aparelho psíquico segundo Bleichmar, e identificar os principais conceitos desenvolvidos pelos mesmos.

O trabalho foi organizado em dois momentos. Uma revisão bibliográfica de Silvia Bleichmar, e discutir questões referentes a Donald Woods Winnicott. No segundo, realizar uma análise da fábula do Patinho Feio relacionando os conceitos fundamentais dos autores acima citados. Diante disso, pudemos fazer algumas considerações finais do trabalho realizado.

O presente trabalho intitula-se *“Um retorno às origens: a função materna em Winnicott e Bleichmar”*, pois desenvolveu-se um estudo acerca do papel materno, destacando quais são as funções necessárias desde os primórdios da vida para que o sujeito possa se constituir, caracterizando nesse sentido como deveria ser o seu desenvolvimento normal, e mostrando por outro lado o que as falhas nessa constituição pode acarretar.

### **Constituição da função materna: Silvia Bleichmar...**

Neste momento propomos uma discussão do que constitui a função materna segundo a perspectiva de Silvia Bleichmar.

É importante salientar desde o princípio que a preocupação fundamental de Bleichmar era com os movimentos da fundação do inconsciente e da tópica psíquica. Segundo a autora “o inconsciente não está desde o início da vida, sendo produto do recalçamento originário e da relação sexualizante com o outro humano.” (BLEICHMAR, 1994, p. vii).

Para Bleichmar, o bebê não nasce com um aparelho psíquico, não há ser humano ao nascer, existe apenas um ser na cabeça de quem o concebeu. Antes de sermos seres humanos estávamos representados na cabeça de nossos pais. Eles tinham muitas expectativas e planos a nosso respeito, pois se não fosse isso jamais teríamos nos constituído sujeito.

Ao nascer, existe apenas um corpo com algumas funções adaptativas insípidas. O psiquismo começa a ser fundado a partir do nascimento na relação com o adulto que exerce as funções de cuidado. O destino do sujeito vai depender da história significativa com seus cuidadores, pois o processo de humanização está no outro. Não temos aparelho instintivo para interagir com o meio ambiente e ter sobrevivência. O estado de absoluta fragilidade nos abriga criar estruturas na sociedade para nossa sobrevivência. Somos incapazes de viver sozinhos, conseguimos viver graças ao auxílio de um semelhante.

O choro do bebê é uma desordem motora. Constitui o único recurso que o bebê tem para expressar o seu desconforto ou sua necessidade corporal de fome, frio, calor entre outros. No entanto, o adulto que está em sua volta vem com a sua naturalidade e interpreta por conta própria esse choro. Esse que vem e presta a ajuda, que atende e satisfaz a cria não se restringe somente ao seu oferecimento da necessidade momentânea da criança como, por exemplo: a comida. Esse adulto além de oferecer o alimento, fala, toca, canta, agarra, afofa, acaricia o bebê, transmitindo o seu cheiro e seu calor. Isso inunda a cria com uma porção de estímulos excitantes de alta carga sexual. Então não é somente a fome em si, no meio disso tem a alimentação, mas o adulto que chega oferece muito mais coisa que isso. Ele inunda

de sentidos a criança: o olfato, o tato, a audição... Percebe-se que a vivência de satisfação<sup>14</sup> não se constitui pela simples satisfação da alimentação, senão pelo fato de que esse alimento é introduzido pelo outro. Quando o bebê mama a sensação da fome recai a zero, como é ressaltado a seguir:

A necessidade nutritiva pode ser descarregada, pode-se obter um nível de saciedade desde o ponto de vista biológico, mas aquilo que é despreendido da necessidade biológica, aquilo que constitui um *plus* a mais e que leva a modos de derivação de outra ordem, aquilo que pode ser recalcado, sublimado, aquilo que se recusa a descarga a zero, irrompe no vivente alterando para sempre seu modo de funcionamento. (BLEICHMAR, 1994, p. 20).

No entanto, todos os fatores que ingressaram na criança ficam em seu psiquismo. Quando sente fome de novo vai buscar o registro dessa primeira experiência de satisfação e esse registro de satisfação não é somente o leite, são também os estímulos excitantes. A autora sugere esse *plus* a mais que a mãe faz ingressar na criança.

Esse é primeiro registro de vida psíquica e esse montante de estímulos que ficaram ingressadas na criança são pulsantes. Por isso que para Bleichmar as pulsões vêm de fora e vão assim ingressando na criança. O encontro da mãe com o bebê produz no interior desse sujeito uma situação que é acalmante. O alimento é uma operação excitante que é a entrada da pulsão. A pulsão se instala nos atos cotidianos do cuidado materno. A autora (1994) descreve que a função materna tem um duplo caráter: produzir inscrições sexualizantes e ofertar vias de ligação e inibição, pelo qual ela chama de duplo – comutador. Ou seja, uma mãe que ao tocar e exercer as funções de cuidado produz uma grande quantidade de excitação. E, por outro

---

<sup>14</sup> Vivência de Satisfação: tipo de experiência originária postulada por Freud e que consiste no apaziguamento, no lactante, e graças a uma intervenção exterior, de uma tensão interna criada pela necessidade. A imagem do objeto satisfatório assume então um valor eletivo na constituição do desejo do sujeito. Ela poderá ser reinvestida na ausência do objeto real (satisfação alucinatória do desejo) e ira guiar sempre a busca ulterior do objeto satisfatório. (Vocabulário da Psicanálise, p. 530).

lado, uma parte da função materna é dar continência, acalmar o bebê produzindo um estado de quietude, oferecendo possibilidades de ligação e tradução dessa excitação, acariciando, falando, proporcionando um estado de apaziguamento.

A presença da mãe é importantíssima tanto para excitar como para ligar e com isso, Bleichmar vem nos mostrar que o semelhante é essencial, que não existe ser humano sem o outro humano.

A mãe é sempre um ser de ruptura, pois faz o bebê sair da prisão biológica. Se a mãe fosse uma cuidadora que somente cuidasse das necessidades biológicas, do auto- conservativo, provavelmente ter-se-ia um bebê com falhas consideráveis. Por isso, o infortúnio, o dano, o abandono quando se rompe essa relação de quem deveria cuidar e não o faz. Esses prejuízos podem ser para a vida toda.

As primeiras inscrições dependem do outro, do semelhante, de uma mãe provida de inconsciente, com um aparelho psíquico clivado, submetendo no seu bebê a intrusão de excitações traumáticas desligadas, mas que ao investir com o seu narcisismo, possibilita assim, vias de ligação nesse sujeito havendo a constituição do inconsciente e a estruturação da tópica psíquica. Tal processo a autora denomina de narcisismo transvazante materno.

Como sugere:

O narcisismo materno é condição do narcisismo da criança, mas não da pulsão na criança. A condição da pulsão na criança está no inconsciente materno, em sua própria sexualidade parcial a partir da qual, por meio de certas operações exercidas sobre o corpo da criança, implanta-se uma sexualidade que surge como traumáticamente não ligável e destinada a uma religação ou reelaboração. (BLEICHMAR, 2005, p.137).

A partir do exposto, de uma perspectiva de que o inconsciente não está presente desde o início da vida, mas como um produto da cultura fundado na relação com o semelhante e produto do recalçamento originário, é através dele que vai fundar o inconsciente e sucessivamente todas as instâncias psíquicas.

Bleichmar (1994) salienta, que o pré-requisito do recalçamento é o tempo de recusa do objeto. Constitui o primeiro tempo de abandono de uma satisfação pulsional o qual estará vigente quando o sujeito desconhece, em si mesmo, um desejo que se tornou estranho formando parte, topicamente, de outra parte de si que já não lhe pertence mais.

A autora nos apresenta dois tempos do recalçamento originário, como descrito a seguir:

Neste primeiro tempo há recusa consciente da satisfação pulsional, as crianças apresentam sintomas que se assemelham aos sintomas das neuroses atuais: irritabilidade, expectativa angustiada, mal-estar. A angústia livre flutuante, quer dizer, a quantidade de libido desligada estará pronta a conectar-se, com algum conteúdo de representação que lhe convenha, estará pronta a ligar-se, seja na repulsa do objeto, seja no retorno da tentativa de satisfação pulsional direta. Em um segundo tempo, o recusado torna-se recalçado, e neste caso o que define é a economia psíquica. As representações devem ser afastadas por esforço do contra investimento do ego incipiente para evitar sua perturbação constante. (BLEICHMAR, 1994, p. 183).

Uma questão fundamental para se falar em recalçamento originário é a renúncia pulsional. Inicialmente a mãe vai ligando esses desejos pulsionais da criança. É como se ela falasse: “isso pode e isso não pode”. A isso chama-se contra-investimento, porque se a mãe diz NÃO, ela está contrapondo a força do desejo pulsional em um contra-investimento.

Para Bleichmar o recalçamento originário extrai a sua força desse contra-investimento que vem de fora e quem realiza essa ação é a função materna: seja a mãe, o pai, as avós enfim, todos aqueles que convivem com essa criança. A criança extrai a força e incorpora as proibições que levam ao recalçamento daquilo que será considerado posteriormente inaceitável pelo lado do ego.

Para a mãe, desde sempre está na sua memória um limite de até aonde o bebê pode ir e até onde não pode. Se a ação específica<sup>15</sup> desempenhada pela mãe não é dada a criança, ela não se apazigua. Essa noção de limite que está ou deveria estar no pensamento da mãe desde sempre e que ainda na criança não tem é a semente para a instauração do recalçamento originário.

É necessário analisar na relação mãe- bebê todas as operações que causam angústias. A mãe vem colocando novos ordenamentos na vida do bebê, como por exemplo: que o bebê não pode mamar em todos os horários, que é necessário começa a deixar a mamada da noite... A todas essas operações denomina-se de renúncias pulsionais. Até que chega um momento que a mãe precisa suspender as mamadas e substituir essa alimentação por outro tipo. Quando a mãe desmama, o bebê sofre porque foi a ele imposto uma renúncia pulsional de fora para dentro, e essa renúncia pulsional é um contra - investimento. O estado que o bebê fica é um estado de abstinência, como de qualquer pessoa que depende de alguma coisa e não pode mais usar. A mãe precisa dar um suporte para que o bebê vá realizando trocas, substitutos simbólicos. Caso a mãe faça o corte da amamentação e não ofereça nada em troca para o bebê vai ser muito difícil, pois vai gerar e ficar uma ansiedade pelo objeto.

À medida que a mãe oferece mediadores, ou seja, a mamadeira, o bico... Substitutos que vão produzindo metáforas do objeto perdido, o bebê vai ter que se satisfazer em troca do objeto original. Conforme esses substitutos são oferecidos vão produzindo uma espécie de distanciamento do objeto que foi perdido. Chega um ponto que se for oferecido o objeto original à criança, essa não vai mais o querer. Quando o objeto que produzia maior prazer começa produzir asco, nojo e repulsa esse é um sinal de que o recalçamento originário se estabeleceu.

---

<sup>15</sup> Ação específica: Termo utilizado por Freud em alguns dos seus primeiros escritos para designar o conjunto do processo necessário à resolução da tensão interna criada pela necessidade: intervenção externa adequada e conjunto das reações pré-formadas do organismo que permitem a realização do ato. (Vocabulário da Psicanálise, p.4) .

Outro aspecto relevante, na questão da renúncia pulsional é um objeto de troca que tem um valor extraordinário que é o amor materno. Pois quando se renuncia não só vem o objeto substituto, mas também as qualidades que essa criança vai ganhando. Ingressa-se desse modo no circuito com o semelhante.

Presume-se então, que a mãe com um aparelho clivado e possuidora de representações egóico-narcisistas, promove uma rede de representações, facilitações e ligações que impedirão a evacuação compulsiva da criança. Caso isso não ocorra poderá então se restringir ao exercício das funções auto-conservativas que poderão dar origem às patologias severas da infância como consequência da ausência de forças ligadoras e de uma mãe que não exerceu a função narcísica totalizante.

### **Constituição da função materna: Donald Woods Winnicott...**

Nesse momento, passo a descrever no que constitui a função materna sobre o olhar de Winnicott e os principais conceitos desenvolvidos pelo autor.

Ao estudar a função materna, Winnicott (1996) se deteve principalmente nos primeiros anos de vida do bebê e a relação estabelecida entre o seu cuidador, ou seja, a relação mãe-bebê. O autor começa abordando o período da gestação, época de preparo para a maternidade. Esse tempo até o bebê nascer proporciona condições para que a mulher consiga formar em si, a capacidade para a maternagem, nascendo aí a mãe, que ao ter seus filhos nos braços tende a estabelecer inicialmente uma relação simbiótica. Essa relação se estenderia até alguns meses após o nascimento da criança, quando a mãe então voltaria aos poucos às suas atividades particulares. A situação é marcada por laços muito estreitos entre mãe e filho, como se existisse um único ser. Winnicott considera tal situação como matriz para o desenvolvimento infantil e base para processos maturativos do novo ser.

O autor chama a atenção sobre a forma de como a mãe segura seu bebê, como interage com ele. Ao mesmo tempo em que é vital sua presença para amamentá-lo, trocar suas fraldas, o jeito como o olha, como toca- o, é extremamente importante para a formação de seu ser. Se antes, bebê e mãe se fundiam em um único ser aos poucos a mãe precisa apresentá-lo ao mundo para que possa formar sua subjetividade. Winnicott pensa na existência fundamentada na autopercepção que é caracterizada pelos momentos em que o bebê estando só, passa a descobrir aos poucos que não possui controle sobre a mãe, sobre o seio que desaparece e reaparece. Que o choro não traz o seio de volta. Esse vazio provocado pela falta da mãe é o começo da exploração do mundo, do desencantamento de que a mãe não é ele e que existem outras coisas além da figura materna.

Na obra *Os bebês e Suas Mães*, Winnicott coloca que o apoio do ego materno facilita a organização do ego do bebê. O autor faz comparação entre o bebê que foi bem segurado<sup>16</sup> e um bebê que não foi tão bem segurado, ou não o seguraram suficientemente bem. O bebê que teve a boa experiência, contou com o ego auxiliar da mãe desde o primeiro instante, o que fortaleceu seu ego frágil, ou seja, foi impulsionado pela adaptação sensível da mãe e sua capacidade em identificar- se com ele. Já o bebê que teve uma experiência não tão boa de identificação com a figura materna teve que desenvolver prematuramente seu ego, desencadeando situações angustiantes e confusas. Para Winnicott, o ego auxiliar materno dá o apoio necessário para que o bebê possa gradualmente ir se constituindo como ser, na medida em que é capaz de ficar só, sem o apoio frequente da mãe. O indivíduo somente é capaz de atingir o estágio de “Eu sou” porque existe um meio protetor que é a mãe. Depois disso, passa para o estágio “Estar só”, seguro de que mesmo estando sozinho, existe a presença da mãe que o orientou muito bem e o preparou para isso. O mundo externo começa a apresentar-se para ele.

---

<sup>16</sup> Segurado: a maneira de como a mãe segura o seu bebê, em um sentido de acolhimento, de proteção, de abraçar o bebê.

A criança, em Winnicott, passa por fases que vão da dependência absoluta para realizar a tendência inata à integração em uma unidade até a dependência relativa, onde a criança associa os cuidados maternos a impulsos pessoais, finalizando com a sua independência.

Essa dependência absoluta passando pela relativa e finalizando na independência, o autor define três processos essenciais para a constituição do ego infantil: primeiro, a **integração** que é a transformação dos vários núcleos de ego num todo razoavelmente organizado; segundo a **personalização** que é a integração psíquica, o eu e o corpo formando um todo; e terceiro que é a **realização** apreciação do tempo e do espaço, de outros aspectos da realidade realizado pela criança.

Entretanto a independência jamais é absoluta, pois não seria sadio ao ser humano. É nessa fase da independência que o bebê, a partir de memórias próprias, projeta suas necessidades pessoais para que disponha de cuidado materno. Assim sendo, conclui-se que a mãe é a primeira ensinante do seu filho, e faz parte da sua função materna ensinar a sonhar, desejar, idealizar e criar vínculos. A mãe atua como modelo para o filho, e este torna-se aprendiz ao buscar a realização de seus desejos e construir seus próprios pensamentos e conhecimentos, diferenciando-os da mãe. Dessa forma, se é aprendiz quando a criança passa a buscar em si um sujeito único, diferente da mãe.

O objeto transitório vem a ser algo que substitui a mãe na fantasia e na realidade. O bebê que estava em dependência absoluta, onde tem a experiência de onipotência, de ter criado o seio, de ser o dono do mundo, desilude-se e tem que lidar com a frustração. O seio materno e a mãe fogem de seu controle, a mãe não é ele. Passa então a existir a possibilidade do bebê lidar com o vazio e suportar a ausência materna e substituí-la. Um paninho, um ursinho de pelúcia tem permissão para entrar no mundo do bebê. Momento de criação e abertura da relação de objeto que impulsiona o bebê à criação da externalidade, permitindo a continuidade do ser. Acontece a

separação entre o eu e o não eu e mais tarde o ingresso da capacidade para o brincar. Essa desilusão é extremamente necessária, base para futuras criações do ser humano: a criação da arte, da religião...

É importante mencionar a função  *Holding*, que é a capacidade da mãe em se identificar com seu filho, fornecendo-lhe apoio egóico. Segurar fisicamente o bebê é protegê-lo da agressão física, levando em consideração a sensibilidade auditiva, visual, o tato do bebê. Enfim, é toda a rotina completa de cuidado para que ele se sinta protegido e integrado, iludindo o bebê de que ele e a mãe são um ser só.

Quando as coisas não vão muito bem e a mãe não consegue dar apoio ao bebê, esse torna-se perceptivo e reage. O ambiente passa a ser amedrontador e o bebê com seu ego ainda frágil tende a se virar sozinho.

A Psicanálise, ocupando-se destes estudos traz para o analista importantes recursos, pois, segundo Winnicott tanto a esquizofrenia como a psicose podem ser melhor explicadas quando se estuda os estágios iniciais do indivíduo.

Para o autor:

As falhas do ambiente facilitador desenvolve no indivíduo um ego imaturo e dependente, com falhas na capacidade de organizar defesas. As forças no sentido da vida, da integração da personalidade e da independência são extremamente fortes e, com condições suficientemente boas a criança progride; quando as condições não são suficientemente boas essas forças ficam dentro da criança e de uma forma ou de outra tendem a destruí-la (WINNICOTT, 1983, p.63).

Para Winnicott (2005) a capacidade de envolvimento da criança se desenvolve aproximadamente dos 6 meses aos 2 anos de idade. A privação ou perda deste pode ter consequências devastadoras. Uma delas é a tendência anti-social, amplamente estudada pelo autor. A ausência de esperança é a característica básica da criança que sofreu privação. Existem duas direções na tendência anti-social: uma é representada pelo roubo e a outra pela

destrutividade. A criança que furta um objeto, por exemplo, segundo o autor, “não está desejando o objeto roubado, mas a mãe, sobre a quem ela tem direitos”. (WINNICOTT, 2005, p.139).

A má assistência ao bebê é registrada em sua memória e isso faz com que ele necessite de tempo e de energia para organizar sua vida, em casos extremos sua personalidade e caráter poderão ser deturpados.

Contudo, ressalta que a mãe deve ser suficientemente boa com seu bebê, necessitando este do ego materno, para começar a elaborar as funções corporais, desenvolvimento intelectual e emocional. Isso corresponde ao início da constituição psíquica e o estabelecimento da saúde mental. O bebê precisa da atenção da mãe, período esse de extrema importância pois, é onde se estabelece a base de todo o desenvolvimento infantil. Além disso, é essencial que a mãe conheça as necessidades de seus filhos, considerando suas funções e seus valores na família. O bebê perturbado pelo ambiente, indesejado nos primeiros meses de vida, pode ficar pré-disposto a doenças anti-sociais.

Toda via, Winnicott elaborou conceitos ilustrando a necessidade de estabelecer os vínculos entre as diferentes áreas do conhecimento, para poder auxiliar a mãe e o bebê nos processos de desenvolvimento e maturação.

### **Relação com a fábula do Patinho Feio...**

Se num primeiro momento dialogamos com BLEICHMAR e WINNICOTT sobre o que é a função materna, nesse passaremos a analisar a fábula do Patinho Feio à luz do referencial teórico.

Vale apenas ressaltar desde o início qual é a interface entre a psicanálise e a literatura. A literatura e a Psicanálise são uma possibilidade de dar nome e significados aos afetos circulantes nas diversas imagens, sonhos e cenas relatadas. Tendo como literatura a história do Patinho Feio e já apontamos conceitos dos autores

estudados passamos agora a enfatizar qual é a importância que a mãe desempenha na vida de uma criança e o que pode ocorrer na sua ausência.

Patinho Feio é o personagem central de uma história que narra a relação de uma mãe com seus filhotes e como a qualidade dessa relação interferirá na construção da subjetividade desses sujeitos. Nesse sentido vários pontos podem ser destacados na história do Patinho Feio e relacionados com a função materna.

O Primeiro ponto é em relação **anterior ao nascimento**, em que o bebê já faz parte ou deveria fazer no psiquismo dos pais. Tanto Bleichmar como Winnicott apontam a importância real dessa figura materna na constituição física e psíquica dos recém-chegados ao mundo. No entanto, na fábula do Patinho Feio a mãe pata é uma figura que sofre e se aborrece, pois se depara com falta de companhia durante o período que choca os seus ovos. Não pode se afastar do ninho porque o próprio pai de seus filhotes nunca vai visitá-la. Assim, compreendemos também a importância que o pai exerce na vida de uma criança, tanto antes de seu nascimento como depois. Com isso, podemos ver que no caso do Patinho Feio não estava instaurado no psiquismo do pai o desejo pelo filho, pois nem se fazer um pai presente isso foi possível.

Vale salientar que a função paterna é fundamental na instalação dos limites e da capacidade de simbolização do mundo, além de ajudar a cria a se desprender da mãe. O pai é o operador simbólico do limite, da lei, da moral. Assim, percebemos a importância dessa figura e a necessidade de estar presente cooperando com a sua ajuda mútua na criação de um filho.

Tanto tornar-se pai como mãe é um exercício que segundo Winnicott (1996) passa por elaboração e aprendizagem emocional a tenra infância, quando são transmitidos os desejos de “vir a serem” pais. Bleichmar (1994) afirma que se não fosse esse movimento de existir na cabeça de quem nos concebeu jamais teríamos nos constituído sujeitos, pois ao nascermos temos apenas um corpo biológico e o psiquismo começa a ser fundado na relação com esse adulto.

Outro ponto destacado é em relação ao **ambiente**. Nesse sentido, o cenário mencionado na história do Patinho Feio é uma pequena e bonita fazenda onde a pata fez o seu ninho. Aparentemente tem tudo para ser um lugar agradável para se viver, mas sabe-se que com o desenrolar da história que muitas interfaces vão acontecer.

Assim, Bleichmar (1994) vem falar também de um ambiente agradável, lugar de acolhimento e satisfatório para o nascimento do bebê, proporcionando desse modo um desenvolvimento saudável para a cria. Mas no caso do Patinho Feio era apenas um espaço físico, mas não havia acolhimento algum. E, nesse sentido, Winnicott (1983) nos traz que as falhas do ambiente pode promover no indivíduo um ego imaturo e dependente, com falhas na capacidade de organizar defesas. Se esse ambiente for um facilitador e, acima de tudo, acolhedor certamente têm-se grandes avanços no desenvolvimento do ser. Caso contrário, pode-se encontrar falhas consideráveis.

Podemos observar também na fábula do Patinho Feio um terceiro ponto. Esse diz respeito aos **ideais e sonhos** que a mamãe pata tem com os seus filhotes.

Em relação às expectativas nosso personagem não respondeu àquelas idealizadas por essa mãe. Ele era muito diferente dos seus irmãos. Dessa forma, a mãe não o acolheu deixando-o a mercê dos perigos da vida selvagem. Ele possivelmente foi trocado de ninho, estava no lugar errado, era o desejo de outra espécie. A mãe pata poderia ter o adotado, tendo o reconhecimento do ser que era diferente dela, ter empatia ao outro, reconhecendo desse modo a sua função materna.

Ela ainda espera muitas coisas desse pato, que por mais diferente que seja, ela continua investindo nele, como sempre as mães esperam muito de seus filhos. E, nesse sentido, Bleichmar (1994) fala dos estímulos excitantes que ingressam e que devem ser oferecidas pela mãe a ligação e tradução ao bebê para que mais tarde ele se constitua num outro ser, investimento. Esse movimento ocorre desde antes de seu nascimento e perdurará para o resto da vida. Quando a mãe vem prestar ajuda que atende e satisfaz a cria não se

restringe somente ao atendimento da necessidade momentânea da criança. Esse adulto traz consigo o que ela denomina de um *Plus* a mais, pois além de satisfazer, ele agarra a cria, fala, canta transmitindo o seu cheiro e seu calor.

Winnicott (1996) traz sobre a maternagem aspectos muito importantes sobre o processo de ilusão e desilusão do bebê. No processo de ilusão, o bebê pensa que ele e sua mãe são um único ser e que tudo está sob seu governo. Suas vontades estão sob seu domínio, o seio que tanto o acalma, lhe dá prazer, sacia sua fome está ligado a ele. A mãe tem a função de aliviar as tensões do bebê. Porém esse processo tem data de validade. Aos poucos a mãe precisa desiludir seu bebê e fazer com que ele sinta que não possui domínio total sobre a figura materna. Já para a mãe, o bebê não representa o todo de sua vida e isso é fundamental para que ela vá se desligando aos poucos da cria que a consome com suas vontades e necessidades. A desilusão é um processo que ingressa o bebê no mundo e, é a mãe quem o faz. Em doses pequenas e suportáveis, o bebê começa a perceber que existe algo além da figura materna, existe um mundo a ser explorado que passa a tomar conta do espaço que antes era ocupado pela mãe.

Como consequência, é possível perceber que a **rejeição** é o tema central dessa história, por ele ser um pato diferente dos demais, começa a criar no patinho sentimento de inferioridade, aonde não há ninguém para aplacar todo esse sofrimento, angústia que o mesmo está passando. Atitudes de intolerância por parte de seus irmãos, como também por parte de outros bandos de patos e da mãe pata, a única opção que fica para Patinho Feio é se excluir, pois é o único que se diferencia dos demais.

Contudo essa rejeição vai criando no Patinho uma ferida narcísica que é uma ferida emocional que impede a construção da identidade do sujeito. Assim, Bleichmar (1994) ressalta a importância do ser desejado e acolhido por um outro aonde ele possa estabelecer vias colaterais de ligação apaziguando a cria. O Patinho Feio não teve o outro que pudesse aplacar sua angústia gerando um sentimento de ser o pato mais feio dos feios.

Winnicott (1996) então afirma a respeito desse ponto, que de um estágio de dependência absoluta para uma independência, o mundo acaba por se apresentar ao bebê sob o governo da mãe e a criança se lançará frente ao desconhecido numa tentativa de exploração, conhecimento da realidade externa a ele. Quando isso sofre alguma interferência, o mundo se apresenta penoso, o comportamento do bebê se modificará e ele reagirá, retraindo -se, ou seja, voltando- se para dentro de si. Winnicott (1990) chamou isso de *reação à intrusão*. O bebê ao reagir ao ambiente e receber da mãe todo um suporte, se acalmará, e então, novamente terá forças para relacionar- se com o mundo externo a ele. Mas esse mundo acaba por rejeitar o Patinho Feio, e ele acaba por reagir à intrusão se isolando.

Frente a essa rejeição, algo do **abandono** vai provocar no patinho trazendo-lhe marcas, inscrições que farão parte de si mesmo, onde “o rechaço e o abandono [...], originalmente externos, [...] agora formam parte dele mesmo: a autodepreciação”. (SANTOS, 2005, p.31). Sentimentos de angústia, desvalia e severidade passam a fazer parte da vida deste.

A vida é constituída de momentos bons e de provação, testando o indivíduo. A resistência a frustrações está intimamente ligada a uma maternagem suficientemente boa para que o bebê vá constituindo- se de forma segura e tranquila, sabendo que mesmo estando só, existe alguém que o vigia, o protege dos perigos do meio, reconhecidos somente por ele. Quanta insegurança, medo um bebê deve sentir ao perceber que está só inserido num mundo totalmente estranho e diferente da vida intrauterina.

Em relação a idéia de uma mãe suficientemente boa Bleichmar (1994) citando Laplanche, indica um outro tipo de mãe. Aquela que é suficientemente má, que não é só uma mãe Winnicottiana bondosa, mas uma mãe que impulsiona, exercita e inquieta. Ou seja, “aquela que dá origem a pulsão de morte, aquela que é capaz de subverter o vivente de natureza e fracioná-lo, mediante a sedução originária, pelas linhas da sexualidade que se inscrevem a partir da instalação do objeto-fonte

excitante de pulção”. (BLEICHMAR, 1994, p.39).

Além disso, Bleichmar ressalta que:

A mãe “suficientemente má”, mãe do inconsciente, correlaciona-se com a mãe “suficientemente boa”, aquela que “realiza a adaptação ativa das necessidades deste (do bebê), diminuindo-a pouco a pouco, segundo a crescente capacidade da criança enfrentar o fracasso em termos de adaptação e para tolerar os resultados da frustração”... É aquela mãe que “no início, oferece ao bebê a oportunidade de que possa criar a ilusão de que seu seio é parte dele”, abre os caminhos da onipotência, e gera, ao mesmo tempo, as condições da ilusão- desilusão. (BLEICHMAR, 1994, p.39).

Assim Winnicott (1983) vem discutir que amadurecer significa alcançar o desenvolvimento do que é potencialmente intrínseco. Possíveis dificuldades da mãe em olhar para o filho como diferente dela, com capacidade de alcançar certa autonomia, podem tornar o ambiente não suficientemente bom para aquela criança amadurecer. Não basta, apenas, que a mãe olhe para o seu filho com o intuito de realizar atividades mecânicas que supram as necessidades dele. É necessário que ela perceba como fazer para satisfazê-lo e possa reconhecê-lo em suas particularidades. No caso do Patinho Feio ele não teve uma mãe que propiciasse tais atividades, deixando-o abandonado e com sentimentos profundos de inferioridade.

O Patinho Feio sentindo o abandono e autodepreciação constantemente, decide **fugir** desse lugar que não lhe causa nenhum prazer, frente à situação constrangedora que estava vivendo de humilhação, rechaço, solidão, tristeza.

No percurso da viagem, “[...] vão sendo, gradativamente, descartadas as identidades que os outros desejam que ele assuma”. (BARBOSA, 2005, p.18). Ao chegar no pântano onde vivem os patos selvagens, estes adotam, em relação ao Patinho Feio, uma atitude discriminatória, recusando-o a incorporação ao bando. E, assim, ele continua sua caminhada sem saber para aonde ir. Sua solidão é ainda mais exacerbada diante das interferências da natureza, frio, chuvas, tempestade com o qual o patinho se debate, quase sem forças.

Contraopondo a pulsão de morte instaurada por essa mãe pata, e ausência do holding descrito por Winnicott e com a capacidade representacional da mãe que oferece vias de ligação colaterais descrita por Bleichmar, o Patinho Feio, vai à procura de sua identidade, experienciando novas histórias, fugas, rompendo-a, lutando contra o isolamento, desinvestimento, angústia.

Podemos observar que a saída da mãe pata ocorreu de forma brusca e o pequeno teve de enfrentar o mundo sozinho. O quanto essa saída inesperada pode ter sido traumática gerando sensações que invadiram o animalzinho que teve de defrontar-se com um mundo estranho e perturbador. A mãe, segundo Winnicott (1990), desempenha função essencial para a saúde psíquica do bebê. Os cuidados iniciais são profundamente importantes para que a criança se desenvolva de forma saudável, pronta para explorar o mundo que a mãe apresenta para ela.

Após muito sofrimento e tentativas de acolhimento, ficando a mercê dos inúmeros perigos da natureza, o patinho agora crescido começa a ganhar vida. Com o desenrolar da história ele acaba se entregando aos cisnes esperando ser morto. Nesse momento, vê a sua imagem no lago, descobrindo sua real **identidade**: ‘Mas não era a imagem de pato feio e pardo. Era um cisne que ele via refletido no espelho da água!’. [...] Assim, ele fica agradecido por todas as necessidades e angústias que conhecera. (BARBOSA, 2005, p.21). A trajetória simboliza o processo de construção da identidade. O eu se estrutura pela identificação com os semelhantes a ele e também pelo contraste em relação aos outros que a dele se diferem.

Assim finaliza a história do Patinho Feio o encontro de sua verdadeira identidade e a possibilidade de viver e desenvolver-se, o fez ser um Patinho feliz.

Percebe-se, que os autores mencionados nesse trabalho, vêm em vários momentos mostrando o quanto é importante a presença e as funções desempenhadas pela mãe. Evidenciam também as consequências que podem acarretar quando essas não são desempenhadas de forma satisfatória.

## Conclusão

O presente artigo foi de suma importância por propiciar ferramentas importantes para construir conhecimentos a cerca da função materna. Bleichmar e Winnicott foram duas escolhas fundamentais para a elaboração e entendimento do assunto proposto. Além disso, com a fábula do Patinho Feio tivemos uma melhor compreensão do tema escolhido.

Percebemos, que quando nascemos somos frágeis e desprotegidos. É necessário que em um primeiro momento possamos contar com um organismo que sirva de apoio à sobrevivência. Esse corpo-auxiliar, é o corpo da figura materna, que não só fornece o aparato físico (nutrição, asseio, aquecimento), mas também fornece a experiência simbólica dos sentimentos de amor, proteção, e os cuidados que uma mãe dispensa normalmente a um filho. A mãe oferece a função de conter as identificações projetadas pela criança, acolhendo os medos, as ansiedades, as angústias e transformando isso em afeto. Nesse sentido, Bleichmar (1994) vem ressaltar essas tarefas primordiais desempenhadas pela mãe nos primeiros anos de vida com seu bebê. O desprendimento da mãe, a constituição narcisista e a formação de um ego são fundamentais para na estruturação de uma tópica psíquica saudável, fundada a partir das relações com o adulto que cuida dele.

Caso contrário, se o adulto que deveria exercer a sua função de cuidado e de ligação, construindo desse modo a tópica psíquica do sujeito, não o fizer pode remeter a quadros de patologias nas crianças. A instauração de patologias no indivíduo tem como origem as primeiras relações mãe-bebê, através das inscrições iniciais feitas pela mãe e percebidas por esse sujeito ainda em um estágio de absoluta fragilidade. São essas ligações primárias que vão dando sentido a essa angústia vivenciada pelo bebê, própria da situação de desamparo dos primeiros tempos de vida.

Conclui-se, que é através desses cuidados da mãe implementando vias colaterais de ligação, dando suportes necessários

para a construção de um recalçamento eficiente que, proporcionarão melhores possibilidades de um desenvolvimento psíquico saudável. Nesse sentido, para que o “eu” possa se formar, é de extrema importância que a mãe desempenhe um papel de escudo protetor contra os estímulos, e que essa mãe tenha a capacidade de decodificar os sinais de seu filho e compreender o que se passa com ele, contribuindo assim para a formação da subjetividade.

### Referências:

- BLEICHMAR, Silvia. *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- BLEICHMAR, Silvia. *A fundação do inconsciente: destinos da pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BLEICHMAR, Silvia. *Clínica Psicanalítica e neogênese*. São Paulo: Annablume, 2005.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B.; LAGACHE, Daniel. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WINNICOTT, D.W. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- WINNICOTT, D.W.; STAHEL, Mônica (Rev.). *Privação e delinquência*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- WINNICOTT, D.W.. *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- WINNICOTT, D.W. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Amago, 1990.

# ENTREVISTA

## RONALDO COELHO:

### POR UMA ANÁLISE INSTITUCIONAL DO DISCURSO CLÍNICO

---

Ronaldo Coelho é Psicanalista e professor de Psicanálise e Análise do Discurso.



Graduado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Psicologia Institucional (USP). Foi professor de Psicologia Médica do curso de graduação de Medicina e preceptor da Residência Multiprofissional em Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atualmente, além dos atendimentos e supervisões clínicas, leciona de maneira livre no curso Análise do Discurso na Clínica Psicanalítica e mantém o canal Conversa Psi no YouTube.

[www.youtube.com/conversapsi](http://www.youtube.com/conversapsi)

Instagram: [@ronaldocoelhopsi](https://www.instagram.com/ronaldocoelhopsi)

[rlopescoelho@gmail.com](mailto:rlopescoelho@gmail.com)

Entrevista realizada por **Saulo Barboza**

Psicanalista em formação no Instituto Távola. Professor Titular na Universidade de Ribeirão Preto. Pesquisador no Instituto Federal de São Paulo.

**Data da entrevista: 27/06/2022**

## **Ronaldo, como foi pra você autorizar-se como psicanalista?**

Foi um processo longo. Eu tinha um preconceito grande com a psicanálise por considerá-la somente a partir da prática dos psicanalistas que viviam do consultório, e aqui generalizando mesmo porque essa era a fonte do preconceito. Para mim, que venho de uma origem proletária que nunca pertenceu à classe média e tampouco burguesa, soava quase um problema de caráter fazer uma universidade pública e viver de uma prática que beneficiava tão pouca gente, posto que um analista que se proponha a fazer um trabalho de qualidade talvez não consiga atender um número muito superior a 30 sessões por semana, por mais que queira. Para mim, era importante poder devolver para a sociedade o que me fora possível aprender, e o consultório me parecia uma prática burguesa, despolitizada e que traía as minhas origens. Essa história é longa e conto ela em diversos lugares. Buscando um atalho, vale começar dizendo que primeiro conheci a psicanálise a partir da Psicologia Institucional do Bleger, que me levou à Profa. Marlene Guirado, com quem conheci de dentro o método da Análise Institucional do Discurso e com quem fiz todo o processo de formação em psicanálise, com as leituras rigorosas, as supervisões e as releituras de Freud que possibilitaram uma clínica psicanalítica realizada, antes, como análise do discurso em sessão para que se possa proceder a uma analítica da subjetividade. Contudo, até então eu estava inserido no hospital, trabalhava diretamente com o público mais desprovido de condições financeiras e com a formação de profissionais. Tudo ia perfeitamente bem, não fossem as sucessivas experiências ruins que tive com chefes que não entendiam o que eu fazia e não tinham a grandeza de admitir os limites do próprio conhecimento, por vezes me obrigando a incorrer em infrações éticas, senão criminosas, que me neguei a me submeter e que resultaram sucessivamente em demissões. Dedicar-me exclusivamente ao consultório foi uma saída que teve mais a ver com insubmissão e rebeldia do que com desejo. Em verdade, não me considerava um bom analista para fazer um trabalho de consultório. Não tinha me dedicado a isso e a ideia de ficar “preso” a essa prática e imagem profissional

não me agradavam. Mas era preciso, pois eu buscava liberdade de pensamento e prática profissional, não queria nunca mais me submeter a um chefe, e não tinha nascido em berço de ouro. A alternativa para viver de forma livre seria a de atuar de maneira autônoma. E é assim que passei a encarar o consultório, sendo até hoje o que sustenta a possibilidade de, por teimosia, uma clínica e uma docência ética e livre.

### **Qual é sua concepção de clínica psicanalítica? O que seria uma clínica ética e livre?**

Todo o percurso traçado foi importante para me autorizar como psicanalista, mas o que me possibilita me reconhecer como tal não é a filiação teórica à corrente X ou Y, do que pode ser instituído até então como psicanálise, mas sim a possibilidade de tomar a clínica psicanalítica como instituição. Freud, e não poderia ser outro, é a referência para considerarmos que tipo de prática se instituiu como psicanálise, quais as relações básicas que a definem, seus pontos de partida e seus alvos ou, em outras palavras, os lugares que configuram para o analista e o paciente bem como o objetivo e a função social da clínica. Quando me referi a uma clínica e uma docência livre, estava dizendo mesmo de não ter que me submeter a um chefe ou pessoas que vão me dizer como proceder porque são elas que pagam meu salário. A possibilidade de fazer o que acredito e como entendo que deva ser feito podendo ser remunerado por quem é o beneficiário direto da minha prática clínica ou docente. Porém, é verdade que isso abre para uma discussão mais profunda, a de que uma clínica livre só pode assim ser se for, antes de tudo, guiada por uma ética que deve estar, os próprios princípios éticos, sob análise constante. Com Foucault, aprendemos a pensar a ética como uma relação de poder que estabelecemos com nós mesmos, como governo de si. Tornar-se analista implica em colocar sob análise como e por que se conduz as sessões e o processo psicoterápico em uma direção ou outra, essa é a parte em que o analista se põe em análise, como governa a si e seus pacientes, como cuida do processo psicoterápico. O analista que

conduz sua clínica objetivando “a cura” fará escolhas durante o percurso que tem a ver com esse pressuposto. É diferente do analista que guia a sua clínica pautado por uma estética da existência, como é o meu caso. Quando estou atendendo meus pacientes, estou menos preocupado com as ideias de cura e doença (não quer dizer que não haja processos de adoecimentos onde o foco imediato precisa ser o estabelecimento mínimo da sanidade para que a análise possa continuar, mas, mesmo assim, é diferente o lugar dado a cada um desses alvos) e mais preocupado em pensar em quais caminhos fizeram essa pessoa se tornar quem ela é e quais caminhos ela está trilhando agora, para onde apontam as direções do hoje e quem esses destinos podem formar no futuro. Não por acaso a palavra estética contém dentro de si a palavra ética. Para os gregos, a beleza de alguém dependia da beleza de sua existência. Tem a ver com construir a si mesmo como alguém que pode ser admirado e seguido por ser justamente quem se é, sobre viver a vida como se ela fosse uma obra de arte, construindo-a como legado que irá transcender a própria existência. A estética da existência supõe um conjunto de valores que balizam essas relações de poder consigo mesmo na direção de fazer de si alguém que se quer ser, que se possa admirar, que se possa verdadeiramente gostar e que também possa ser admirado por outros. Defendo, assim, uma clínica que se faz como prática de liberdade porque visa libertar analista e paciente (para além de chefes ignorantes e instituições desnecessárias) de verdades pré-concebidas sobre a subjetividade para alocá-los nessa constante relação analítica, e de poder, onde não tem certo e errado pré-determinados, na qual qualquer julgamento a que se chegue será fruto da análise. Portanto, uma clínica que se faça como prática de liberdade para analista e paciente implica, da parte do analista, uma ética do cuidado com o paciente (uma vez que se visa deixar de fora tudo o que não tem como objetivo o bem do paciente e de seu processo de análise) e uma perspectiva estética para seus alvos (uma vez que admite como finalidade que será o próprio paciente que seguirá na construção de si, porque será ele quem viverá a própria vida). Desse modo, definimos o campo da clínica como sendo o da analítica da subjetividade, e não o da cura ou da mudança de comportamento, por mais que esses possam

ser efeitos (até mesmo desejáveis) do processo. Numa tentativa de síntese, se constituiria em uma prática pautada por uma ética do cuidado que guia a ação do analista para conduzir a análise, ou o processo psicoterápico, em direção a uma estética da existência do paciente.

### **Por que tratar a clínica psicanalítica como instituição?**

Tomar a clínica psicanalítica como instituição implica considerar que tudo o que a constitui é produzido. Foi construído desde Freud, mas é (re)produzido em cada atendimento pelo psicanalista que a faz. A clínica psicanalítica existe, antes de tudo, como prática e só continuará existindo enquanto alguém a praticar nos dois lados da relação básica (analista-paciente). Isso parece óbvio, mas levado à sua radicalidade, significa dizer que todo o discurso em análise em uma sessão é produzido por esse contexto que define previamente esses lugares para que a fala e os sentidos possíveis que ela possa ganhar sejam “escutados” com “palavras” próprias a esse contexto. O paciente em análise, bem como seu inconsciente, não é “encontrado” pelo método analítico. Antes, paciente e inconsciente são produzidos por todas as condições que possibilitam sua análise nestes termos. O famoso *setting* analítico, sem o qual toda interpretação poderia ser tomada como selvagem, para retomar um termo do pai, é selvagem porque não considera um discurso produzido nessas circunstâncias institucionais, nos limites e possibilidades que se abrem somente a partir de um campo discursivo que ofereça suporte para determinar os sentidos possíveis de cada enunciado.

### **Como se dá o trabalho psicanalítico numa clínica-instituição?**

Uma vez que entendemos que o que se dá num consultório de psicanálise não acontece de forma “mágica” e que depende muito mais da construção desse contexto que nos dá lugares de partida para começar a falar e a ouvir, bem como as palavras para interpretar,

passamos a entender que nosso trabalho como analista começa bem antes. Devemos colocar em análise quais são, afinal, os pressupostos com os quais ouvimos o que nos diz o paciente. Assim, passamos a perceber que há uma série de palavras que imputam silenciosamente um sentido para o que o paciente nos diz, antes mesmo de conseguirmos submeter o que ouvimos à análise propriamente. E nós estamos cheios delas. Compreender que esses pressupostos, que em sua maioria advêm das teorias que estudamos e creditamos em nosso fazer, considerando aqui os psicanalistas honestos e verdadeiramente estudiosos e comprometidos com seu ofício, é que fazem esse quadro no qual atribuímos sentido, e desse modo limitam e possibilitam sentidos, faz com que nossa clínica se volte, antes de tudo, a uma clínica da análise de pressuposições. Um exemplo disso é o termo “desejo”. Instituiu-se que quando o paciente fala ele comunica desejos, que em algumas correntes é o desdobramento do termo “libido”. É curioso como o analista que acredita nisso sempre se coloca em busca da captura do suposto desejo do paciente. Perceba aqui que o desejo é suposto pela teoria e orienta a prática do analista, orienta sua escuta, seu fazer. Se por acaso esse mesmo analista deixar de pensar que é necessário encontrar onde está o desejo do paciente, sua escuta se abrirá para uma série de possibilidades outras que para ele estavam bloqueadas.

**Ronaldo, o que você diria para alguém que está considerando iniciar um processo analítico? Qualquer pessoa poderia iniciar uma análise ou existem requisitos?**

Eu diria: vai fundo! Se a pessoa está considerando é porque sua análise já começou... e de fato é. Uma boa análise é o melhor presente que podemos nos dar. Assim como boas condições de estudos que um pai pode dar ao filho, os efeitos de uma boa análise são para toda a vida. E sempre são positivos. Se não foram positivos o problema foi com aquela análise específica, que não foi boa. Por isso o paralelo com os estudos é interessante. Se uma escola fez mal a alguém o problema não é que o conhecimento deve ser rejeitado. Se por acaso você tiver

uma experiência ruim de análise, continue buscando! O principal para saber se a análise é boa ou não será a sua própria avaliação sobre ela. Será necessário você se perguntar se entende que está sendo compreendido pelo seu analista, se tem se sentido a vontade para falar sobre tudo o que lhe vem à mente de forma livre e espontânea, sem censuras, se sente que por mais que às vezes seja uma situação não muito cômoda ou confortável, aquele processo tem ajudado você na sua vida, e se sente que aquele profissional é capaz de acompanhá-lo pelos caminhos mais obscuros, amedrontadores ou vergonhosos da sua existência. Esse é o termômetro para medir se você está em uma boa análise. Se não estiver, procure tentar dar o pontapé inicial nessas questões que estão travadas, abrindo o jogo com o seu analista. Caso a confiança necessária para continuar não seja produzida neste movimento, considere procurar outro analista, mas não desista da análise.

### **E o que você diria para alguém que está em processo de tornar-se psicanalista?**

Tornar-se psicanalista implica em se submeter a um processo constante de confronto consigo mesmo, é adentrar a um moedor de carne que primeiro te desfragmenta, desconstrói, e depois é com você para se reconstruir. Se você não está disposto a isso, é melhor investir em outro ofício. Nenhum outro ofício exige do profissional esse revirar-se do avesso. É por esse motivo (um deles, na verdade) que Freud considerou desde o início que a análise pessoal seria imprescindível para a formação do analista. Às vezes, puxo uma discussão que irrita esse pressuposto do tripé da formação justamente para que olhemos para sua característica instituída e o que produz. Porém, a importância da análise pessoal para o analista tem mais a ver com considerar que você vai ser moído e não tem chance de você ser um bom analista sem passar por esse moedor do que necessariamente se submeter ao dogma, como acabou se tornando a prática da análise didática. Não será apenas os livros e os pacientes que você terá que estudar e analisar, mas sobretudo e antes, você mesmo. Sua infinidade

de pressupostos sobre a vida e a existência, para que possa verdadeiramente psicanalisar.

**Muito obrigado!**

